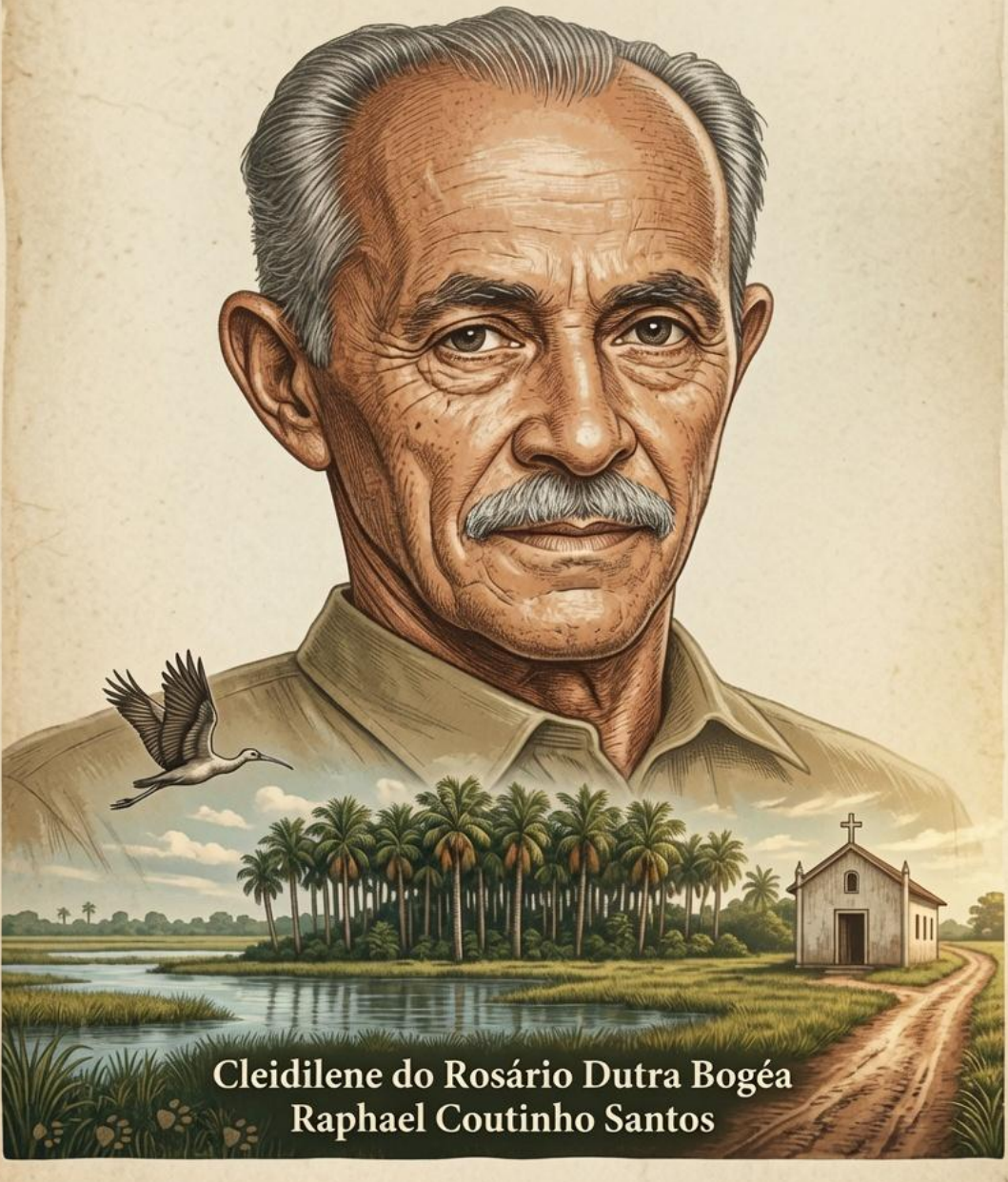
A VIDA DO VALENTE

Biografia de Valentim Oliveira Dutra
e o nascimento do povoado Manoel João



Cleidilene do Rosário Dutra Bogéa
Raphael Coutinho Santos

A VIDA DO VALENTE

Biografia de Valentim Oliveira Dutra
e o nascimento do povoado Manoel João

Cleidilene do Rosário Dutra Bogéa

Raphael Coutinho Santos

Valentim Oliveira Dutra (1918–2004)

A VIDA DO VALENTE
Biografia de Valentim Oliveira Dutra e o nascimento do povoado Manoel João

Cleidilene do Rosário Dutra Bogéa
Raphael Coutinho Santos

1ª edição
Arari, Maranhão, 2026

Copyright © 2026 Cleidilene do Rosário Dutra Bogéa e Raphael Coutinho Santos

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). É permitida a reprodução e o compartilhamento integral, desde que citados os autores e a fonte, vedados o uso comercial e a criação de obras derivadas. Os demais direitos permanecem reservados aos autores.

Fonte primária: relatos orais da família Dutra e da comunidade do Manoel João (Arari-MA), compilados por Cleidilene do Rosário Dutra Bogéa a partir de 9 de julho de 2013.

Imagens: acervo da família Dutra e da comunidade do Manoel João.

Hino da Comunidade Manoel João: letra e música de Jorge do Espírito Santo Mendes e Ivonete dos Santos Dutra, reproduzidos com autorização dos autores.

Revisão, projeto gráfico e capa: Raphael Coutinho Santos

Índice para catálogo sistemático:

Líderes religiosos : Maranhão : Biografia [CDD]
Manoel João : Arari : História [CDD]

Impresso no Brasil / Printed in Brazil
2026

SUMÁRIO

NOTA DOS AUTORES

PRÓLOGO — A PROFECIA DO ASFALTO

PARTE I — ANAJATUBA

Capítulo 1 | AGDA

Capítulo 2 | PEDRO E MUNDICA

Capítulo 3 | A BRASA

Capítulo 4 | O CAÇADOR DE SONHOS

Capítulo 5 | O ARITICUZEIRO

PARTE II — A MATA SEM NOME

Capítulo 6 | O CONVITE DE JACINTA

Capítulo 7 | O CARÃO

Capítulo 8 | SOZINHO ENTRE ONÇAS

Capítulo 9 | VISAGENS E VALENTIAS

PARTE III — VINECA

Capítulo 10 | A MENINA DO TESO

Capítulo 11 | O CASAMENTO

Capítulo 12 | O ANO EM QUE O CORPO FALHOU

PARTE IV — O CAÇADOR DE ALMAS

Capítulo 13 | O TAMBORETE

Capítulo 14 | OS LIVROS DE PORTUGAL

Capítulo 15 | VALENTE DE RELIGIÃO

Capítulo 16 | A ROMARIA DOS DESCALÇOS

Capítulo 17 | O MEU POVO PRECISA DE MIM

Capítulo 18 | AS PROFECIAS

Capítulo 19 | O MUTIRÃO

PARTE V — A HERANÇA

Capítulo 20 | OS ÚLTIMOS DIAS DO VALENTE

Capítulo 21 | A SUCESSÃO

Capítulo 22 | O POVOADO QUE ELE SONHOU

Epílogo | O ÚLTIMO MUTIRÃO

CRONOLOGIA

GENEALOGIA

AUTORES

GLOSSÁRIO

SÍMBOLOS OFICIAIS

FOTOGRAFIAS

FONTES

NOTA DOS AUTORES

Este livro nasceu duas vezes.

A primeira foi em 9 de julho de 2013, quando Cleidilene do Rosário Dutra Bogéa, neta de Valentim por parte de mãe, terminou de reunir num só texto o que o povo do Manoel João contava havia décadas nas varandas, nas roças e nas novenas: a vida do homem que fundou o povoado. Ela ouviu os velhos, anotou os nomes, guardou as falas. Sem esse trabalho, feito na hora certa — quando ainda viviam testemunhas dos primeiros tempos —, este livro seria impossível.

A segunda foi quando Raphael Coutinho Santos, sobrinho-neto de Valentim por parte de pai, tomou aquele relato e começou a transformá-lo em livro: pesquisando o que podia ser confirmado, organizando o que estava disperso, dando forma de narrativa ao que era memória. O volume que o leitor tem em mãos é a soma desses esforços.

Valentim Oliveira Dutra foi um homem cercado do que sua gente sempre chamou, sem cerimônia, de milagres. Chegou àquela mata sozinho, aos dezenove anos, guiado por um sonho que tivera aos doze. Fundou ali um povoado, batizou-o, casou, plantou, caçou, adoeceu quase até a morte, curou-se, e passou a segunda metade da vida levando uma palavra que não sabia soletrar mas interpretava, dizem, como poucos letrados. Um padre o

rebatizou em praça pública: aquele não era Valentim — era *Valente de religião*, caçador de almas.

Quando o bispo Dom Reinaldo veio, os velhos se entreolharam. Quando a governadora Roseana Sarney veio, em 1997, entreolharam-se de novo. Quando os primeiros filhos do povoado voltaram formados — professores, servidores públicos, advogados, os "doutores" da profecia —, já nem era preciso se entreolhar. Este livro conta quem foi esse homem. Começa, como ele começou, longe dali: em Anajatuba, numa casa de lavradores, no dia que a família nunca achou que fosse coincidência, o dia de São Valentim.

O leitor notará que certas passagens vêm acompanhadas de expressões como *conta-se, na memória da família, segundo os que estavam presentes*. Não é enfeite: é aviso. Valentim Oliveira Dutra foi um homem cercado de acontecimentos que sua gente entendeu como sinais de Deus — sonhos que se cumpriram, curas que a medicina da época não explicou, profecias que a estrada e o tempo confirmaram. Cabe-nos relatar, com fidelidade, o que as testemunhas relatam — e com a força com que relatam. O julgamento pertence ao leitor e, quem sabe, a instâncias mais altas que qualquer biógrafo.

PRÓLOGO — A PROFECIA DO ASFALTO

Em 1997, uma governadora entrou de carro no Manoel João.

Para quem chegava de fora, a cena era apenas política: Roseana Sarney, governadora do Maranhão, em visita a um povoado da zona rural de Arari, na Baixada Maranhense — comitiva, poeira, aperto de mão, discurso.

Coisa que se vê em todo interior do Brasil em ano que antecede eleição.

Para os velhos do povoado, a cena era outra coisa. Era a liquidação de uma dívida antiga — não da governadora com eles, mas do tempo com um homem.

Porque décadas antes, quando naquele lugar não havia estrada, nem carro, nem luz, nem qualquer motivo razoável para uma autoridade pôr os pés ali, um lavrador analfabeto proferiu em plena celebração de domingo, com a naturalidade de quem comenta a chuva:

— Ainda vai ter estrada aqui no Manoel João. Muitos carros ainda vêm pra cá. Muitas autoridades ainda vêm nos visitar. O bispo, o governador, todos virão nos visitar.

A plateia reagiu como reage toda plateia sensata diante de um absurdo. Uns baixaram os olhos, constrangidos. Outros foram para casa rindo: *só se for o carro dele que vem pra cá. Onde já se viu vir carro para esse fim de mundo!* O homem não tinha carro. O homem, a rigor,

não tinha quase nada: uma roça, uma espingarda, uma bíblia e uma certeza inabalável de que sabia coisas que ainda não tinham acontecido.

O bispo veio em dezembro de 1982. Dom Reinaldo, de báculo e batina, abençoou o povoado que um dia fora mata fechada e território de onça. A governadora veio, em 1997, pelo caminho que os moradores tinham aberto a braço, facão e enxada, oito quilômetros e tanto de teimosia coletiva. Os doutores vieram também — só que esses não vieram de fora: saíram de dentro.

Filhos e netos do povoado formaram-se professores, servidores públicos, advogados, gente de anel no dedo, cumprindo a mais ousada das previsões daquele homem que não sabia ler: *aqui ainda vai ter doutor. O meu povo ainda vai trabalhar calçado*.

O homem chamava-se Valentim Oliveira Dutra. Nasceu em 1918 num povoado de Anajatuba, no dia consagrado a São Valentim, com a marca de uma queimadura que quase o matou no primeiro suspiro. Foi menino doente, caçador prodigioso, carpinteiro, lavrador, músico de rebeca e sanfona, marido de uma mulher chamada Venerável, líder religioso consagrado por um padre que lhe trocou o nome: *seu nome não é Valentim — é Valente*.

Fundou um povoado no meio do mato porque sonhou ainda criança. Demorou até o início da vida adulta

para encontrar o lugar do sonho, e quando encontrou, reconheceu-o árvore por árvore, pedra por pedra. Deu-lhe o nome de outro homem, um finado que ninguém mais lembrava, porque grandeza, para Valentim, era coisa que se distribuía — nunca que se guardava.

Este é o seu livro. Convém avisar desde já: nele, as onças rondam de noite, os anjos entram sem bater e as profecias têm o mau costume de se cumprir. O leitor incrédulo está autorizado a duvidar de tudo — os céticos, aliás, sempre tiveram assento cativo nesta história, e saíram dela inevitavelmente surpresos e transformados: como os que viram a estrada chegar.

PARTE I — ANAJATUBA
(1918–1937)

Capítulo 1 | AGDA

Toda saga de fundador começa antes do fundador. A do Manoel João começa com uma moça em fuga.

No fim do século XIX, em Fortaleza, vivia uma jovem chamada Agda. A memória da família guardou dela três informações: era muito bonita, era filha de pais severíssimos e engravidou solteira. Na moral doméstica daquele tempo e daquela casa — assim se transmitiu de geração em geração —, isso equivalia a uma condenação: moça que engravidasse fora do casamento pagava com a vida. Se a sentença era ameaça retórica de um pai enfurecido ou costume de fato, os documentos não dizem, porque documentos não há; há a certeza, repetida por um século de descendentes, de que Agda acreditou nela o suficiente para fugir.

E fugiu longe. Do Ceará ao Maranhão, grávida, sozinha, numa época em que essa travessia se media em semanas e a palavra "sozinha", para uma mulher, media perigos que nenhum mapa registrava. A tradição da família não guardou o caminho — se por mar, costeando; se por terra, atravessando o sertão. Guardou o resultado: Agda chegou ao Maranhão e foi acolhida, com o filho recém-nascido, numa fazenda cujo dono se chamava Bernardo Dutra.

Ficou trabalhando ali. A fazenda tinha muitos empregados, e com um deles, tempos depois, Agda se envolveu. Veio nova gravidez — e novo abandono, este por decreto: sabendo do caso, o patrão despediu o empregado, e Agda se viu outra vez com um filho nos braços e nenhum pai por perto. A memória da família, porém, faz questão de um detalhe que redime o episódio: Bernardo Dutra gostava dela. Não deixou faltar nada ao menino. Ajudou a criá-lo enquanto a mãe seguia trabalhando.

O menino recebeu o nome de Pedro. E como era, no cartório da vida, filho de pai desconhecido, recebeu do fazendeiro o que o fazendeiro tinha para dar: o sobrenome. Pedro Oliveira Dutra — Dutra de Bernardo, patrão, padrinho e pai adotivo. É por isso que existe, hoje, uma família Dutra no Manoel João: o nome não desceu por sangue, desceu por gesto. Numa história cheia de homens que partiram, o sobrenome do povoado inteiro veio do único que ficou.

Agda, anos depois, casou-se e foi embora da fazenda com o marido. Sai da história como entrou: por vontade própria e sem pedir licença. Do avô paterno de Valentim, nada se soube, nunca. Nas raras vezes em que a genealogia da família foi recitada — e nas comunidades rurais do Maranhão recitar genealogia é gênero literário —, o lugar dele ficou assinalado com a mais honesta das palavras: desconhecido.

Capítulo 2 | PEDRO E MUNDICA

Pedro cresceu na fazenda e virou homem de ofício: carpinteiro. Profissão de régua, prumo e paciência — e, para quem gosta de simetrias, a mesma de outro pai de família cuja história correria mundo. Pedro não fazia questão da simetria. Fazia portas, janelas e casas, e ensinou o ofício a vários filhos, porque naquele Maranhão profissão era herança tão séria quanto terra.

Foi ali, no povoado de Areal, que Pedro Oliveira Dutra se estabeleceu depois de casar com Raimunda de Deus Dutra — Mundica, como todos a chamariam. Ela era filha da terra: seus pais, Agnela e Ludugero Lima, eram do Teso, lugarejo de Anajatuba cujo nome já é uma aula de geografia da Baixada — teso é o terreno alto que não alaga, e na região onde quase tudo alaga, morar num teso era morar no privilégio. No inverno, os campos viram lago; no verão, o lago vira pasto. A vida se organizava em função dessa respiração — plantava-se, criava-se e viajava-se conforme a água mandava. As distâncias se mediam em léguas e as fortunas, em gado, arroz e filhos.

Do casamento nasceram treze filhos. A lista merece registro integral, porque nela está meio povoado futuro: João Conrado, **Valentim**, Manoel, Maria do Rosário, Pedro Filho (o Pedro II da dinastia), José (que a vida rebatizaria Zeca Oliveira), Dionato (Donato), Silvano (Cici), Francisca de Jesus (conhecida por Chiquinha ou Mãe Velha, avó deste biógrafo), Antonia do Espírito Santo (Totó), Raimunda (Dica), Rufino (Lulu Oliveira) e Benedito Anastácio. Treze filhos, e quase

todos com dois nomes — o de batismo e o de uso, porque no interior do Maranhão o cartório propõe e a intimidade dispõe.

Sobre o casal, a memória dos filhos e netos convergiu num retrato de rara delicadeza para o padrão da época. Pedro e Mundica se tratavam com cerimônia afetuosa: ele a chamava de "Dona Mundica"; ela o chamava de "Seu Pedro". Num tempo e num meio em que a aspereza doméstica era regra e ninguém achava ruim, aquele casal de lavradores analfabetos praticava, sem saber o nome disso, uma pedagogia: os treze filhos cresceram vendo o pai e a mãe se respeitarem, e a tradição da família é unânime em dizer que foi assim que aprenderam a respeitar todo mundo.

Eram ambos católicos devotos, de São João e de Santo Antônio. Em casa se rezava ladainha — e ladainha em latim, decorada de ouvido por gente que não lia nem português, o que já diz muito sobre a musculatura da memória naquela civilização oral. Cantavam-se benditos. Os filhos aprendiam junto. Anos depois, quando um daqueles meninos se tornasse o líder religioso de um povoado inteiro sem nunca ter aberto uma cartilha, quem conhecesse a casa de Seu Pedro e Dona Mundica não veria mistério nenhum: a escola funcionava ali, à luz de candeeiro, em latim aproximado e fé exata.

Foi nessa casa que, num 14 de fevereiro, chegou o segundo filho.

Capítulo 3 | A BRASA

Valentim Oliveira Dutra nasceu em 14 de fevereiro de 1918, em Areal de Anajatuba. A Igreja celebra nessa data dois mártires de mesmo nome — o padre São Valentim e o bispo São Valentim de Terni, mortos pela fé nos primeiros séculos do cristianismo. A família, ao escolher o nome, provavelmente pensava no santo do dia, como mandava o costume. Não podia saber que estava sendo, além de devota, profética.

O parto foi em casa, como todos os partos daquele mundo sem maternidade, sem médico e sem estrada. Chamou-se uma parteira experiente — dezenas de partos no currículo — que trabalhava, segundo o costume de muitas mulheres do interior, fumando cachimbo. O quarto encheu-se daquela fumaça espessa enquanto Dona Mundica fazia força.

O menino nasceu. E aí aconteceu o acidente que a família contaria por cem anos: do cachimbo da parteira despencou uma brasa acesa, que foi cair no corpo nu do recém-nascido — na garganta. A queimadura foi profunda. O primeiro contato de Valentim com o mundo foi a dor, e a primeira luta da sua vida foi contra a própria morte, travada antes de completar uma hora de idade.

Venceu. Sem hospital, sem pomada de farmácia, com o que havia: o cuidado obstinado da mãe, curativo a curativo, dia após dia, até o ferimento sarar. A família registraria, com espanto retrospectivo, que não ficou sequela. Na leitura devocional dos descendentes, foi o primeiro milagre — o mal

tentando abortar a missão no primeiro suspiro, e falhando. Na leitura prosaica, foi o primeiro atestado de uma constituição teimosa que ainda enfrentaria malária, febres sem nome e uma doença que desafiaria todos os curandeiros do Mearim. As duas leituras concordam no essencial: aquele menino não era fácil de matar.

Sarou o ferimento; a saúde, não. Valentim cresceu doentio, frágil, "diferente das outras crianças". Mas a fragilidade veio acompanhada de um pacote curioso: o menino era obediente, auxiliar das rezas e dono de uma precoce sabedoria que impressionava os adultos. Preferia a companhia dos adultos à dos meninos da sua idade. Sentava-se com os mais velhos, ouvia, e de vez em quando dizia coisas que não pareciam caber na idade dele. Não maltratava ninguém e tinha o hábito, raro em criança, de sair em defesa dos menores e dos velhos. A vizinhança deu-lhe o apelido que era quase um diagnóstico: *o respeitador*.

Mas também brincava do que todos brincavam — roda, ganzola, pião, bola, esconde-esconde, peteca — e na juventude tomaria gosto pelo bumba-meu-boi, paixão maranhense obrigatória. Os pais resumiam o fenômeno com a fórmula clássica dos pais: *esse menino é cheio de invenções e sonhador*.

Estavam certos nos dois diagnósticos. Só erraram em achar que era defeito.

Capítulo 4 | O CAÇADOR DE SONHOS

Valentim começou a trabalhar ainda criança, por volta dos oito anos. Numa casa de treze filhos, cada braço contava, e seu pequenino braço foi destacado para a atividade que combinava utilidade e vocação: pôr carne na mesa, tornando-se caçador.

E não um caçador qualquer. A crônica familiar é unânime: o menino nunca voltava de mãos vazias. Saía com os cachorros, embrenhava-se, e trazia carão, tatu, paca — a paca, sua predileta. O método era o da região: os cachorros farejavam, acuavam a caça num buraco, e aí entrava o trabalho de enxada e paciência. Valentim levava junto os irmãos menores, Manoel e Maria, que por segurança ficavam trepados nas árvores enquanto ele operava — plateia infantil empoleirada, assistindo ao irmão de oito, nove, dez anos fazer o serviço de um homem.

Havia uma regra, e ele a seguiu a vida inteira: não se matava por divertimento. Bicho abatido era bicho comido. Numa terra onde a caça era despensa, Valentim tratava o mato como se trata uma coisa sagrada — com respeito e sem desperdício.

O sucesso, como sempre, gerou a teoria. Se o menino acertava sempre, e os homens feitos voltavam tantas vezes com o embornal vazio, alguma coisa havia. E a explicação que a vizinhança encontrou foi a mais antiga do repertório

sertanejo: pacto com o diabo. Diziam que Valentim *sonhava* com os lugares onde estava a caça — e sonhava mesmo, ele próprio confirmava. Ia dormir menino e acordava sabendo onde encontrar o tatu. A divergência era só de fornecedor: onde os vizinhos viam o demônio, a família — e o próprio Valentim, com os anos — veria proteção divina, divindades celestes de plantão desde o berço queimado. O leitor escolha seu partido. O tatu, de qualquer forma, estava sempre no lugar sonhado.

Anos depois, um padre acharia para esse dom uma aplicação que nenhum vizinho previu. Mas não adiantemos: em 1926, Valentim era apenas um menino franzino que sonhava com pacas e as encontrava. A metáfora da vida dele já estava pronta — sonhar primeiro, encontrar depois —, só que ainda ninguém sabia ler metáforas em Areal. Nem ele, que não sabia ler coisa nenhuma. Escola, para os treze filhos de Seu Pedro e Dona Mundica, era luxo inexistente. Valentim atravessaria a vida inteira analfabeto — detalhe que convém guardar, porque será central nesta história, e da maneira mais improvável possível.

Capítulo 5 | O ARITICUZEIRO

O sonho que mudou tudo veio aos doze anos, e veio de barriga cheia. Foi numa caçada que começou mal. Valentim andou, andou, e nada — dia raro, de embornal teimando em ficar vazio. Já no fim, abateu uma paca, sua comida preferida, mas a essa altura estava exausto e faminto. Parou debaixo de um ariticuzeiro, árvore generosa daquela região, apanhou um ariticum, sentou-se entre as raízes para comer o fruto — e o cansaço fez o resto. Adormeceu ali mesmo, no chão do mato, com a paca ao lado.

Foi quando ouviu a voz.

— Valentim, tu vais embora daqui, para este lugar.

E o lugar apareceu: uma mata fechada de árvores grandes, espécies muitas, plantas e bichos em fartura. A voz explicou o motivo, e o motivo era um mistério em forma de profecia*: o lugar que tu moras vai se acabar; o mato vai ser desmatado para o plantio da lavoura que vai alimentar a população.*

Valentim acordou sem entender nada — e sem conseguir esquecer nada. A paisagem ficou gravada, diz o relato da família, com precisão de fotografia: as árvores, as pedras, a limpeza estranha do chão. Levantou-se e foi para casa com a paca e o enigma.

No almoço, contou. E anunciou, com doze anos de idade, a decisão que levaria mais de sete para cumprir:

— Eu vou embora daqui, porque a voz disse que tudo isto vai se acabar. O mato vai ser transformado em lavoura, para alimentar a população, que vai aumentar muito.

Seu Pedro, carpinteiro pragmático, deu ao filho a resposta que a sabedoria camponesa de 1930 tinha no estoque:

— Esse menino é tolo. Onde que isso vai acabar? Mato não se acaba: quando se corta um pé, nascem dois ou mais, meu filho!

E Valentim, doze anos, retrucou com um raciocínio que hoje figuraria bem num relatório sobre pressão demográfica e fronteira agrícola:

— Papai, o mato se acaba. As crianças que vão nascendo crescem e precisam trabalhar, vão formar famílias e precisam sobreviver.

O tempo, registre-se com o devido constrangimento em nome de todos os adultos da cena, deu razão ao menino. A Baixada e os vales do Mearim veriam exatamente isso: o machado, a roça, a lavoura comendo a mata.

Mas em 1930 aquilo era só mais uma das "invenções" do segundo filho, e a vida seguiu.

Seguiu por seis anos, durante os quais Valentim virou rapaz — e um rapaz, pelos padrões locais, cotado. Boa aparência, fama de trabalhador, aquele ar grave que as moças de todos os séculos insistem em achar interessante. Ele, porém, não estava no assunto. A crônica familiar preservou, com evidente deleite, o episódio que resume seu estágio sentimental aos quinze anos: Valentim tomava banho no poço perto de casa quando uma jovem decidida surgiu na sua frente, disposta a agarrá-lo. O futuro fundador do Manoel João, o homem que dormiria sozinho cercado de onças, saiu correndo — nu, em disparada, esquecido da roupa e da compostura, com a pretendente no encalço. Chegou em casa nesse estado, diante da mãe atônita.

— Valentim, o que foi? O que está acontecendo?

— É uma moça que está querendo namorar comigo!

Dona Mundica não deixou registrada sua resposta, o que é uma pena. Fica para a história a imagem: o rapaz que não temia bicho do mato, apavorado com uma moça do poço. As onças, ao menos, avisavam pelo rastro.

Enquanto isso, no fundo da memória, a mata do sonho esperava. Valentim não sabia onde ela ficava. Sabia apenas que ficava em algum lugar — e que, na hora certa, alguém haveria de lhe apontar o caminho.

O recado chegou em 1936. Vinha de Arari, e tinha remetente: uma amiga chamada Jacinta.

PARTE II — A MATA SEM NOME
(1937–1948)

Capítulo 6 | O CONVITE DE JACINTA

Jacinta era filha de Josefa Rosa Lima e de Severo Maximiano Mendes, gente do Teso de Anajatuba, famílias amigas da família de Valentim desde sempre. Mudara-se com os seus para Arari, mas mudança, naquele mundo, não desfazia amizade — apenas a esticava. E foi por esse fio esticado que, em 1936, chegou a Areal o recado que merece transcrição integral, porque poucas vezes um convite disse tanto em tão pouco:

— Valentim, vem para cá e traz um companheiro de muita coragem, porque aqui tem muita caça, mas também tem muita onça.

Para o comum dos mortais, a segunda metade da frase anula a primeira. Para Valentim, dezoito anos, caçador de fama e sonhador de profissão, a frase inteira era música. Ele quis partir na hora. Os pais não deixaram — dezoito anos, viagem sem estrada, terra de onça; Seu Pedro e Dona Mundica exerceram o veto.

Jacinta insistiu. Em fevereiro do ano seguinte, recém completos seus dezenove anos, novo recado: que Valentim viesse passar o carnaval em Arari, com uns amigos. Carnaval era pretexto respeitável, e desta vez os pais cederam. Valentim partiu de Anajatuba acompanhado de Bizico — Virgílio Paulo Mendes, irmão de Jacinta, que o destino escalara para um papel que nenhum dos dois imaginava.

Convém que o leitor de hoje faça um esforço de imaginação geográfica: não havia rodovia entre Anajatuba e

Arari. Não havia, a rigor, caminho — havia direção, e a fé de que perguntando se chega. Os dois foram a pé. Um dia inteiro de caminhada difícil, vareda e campo, até alcançarem a cidade de Arari, onde se hospedaram na casa de dona Josefa, mãe de Bizico e de Jacinta.

Ficaram três dias nessa casa, e a crônica da família registra, com precisão sociológica, o cardápio das conversas: caçada. Três dias falando exclusivamente de caçada. Havia rapazes assim.

Jacinta, a essa altura, já era casada com Antonio — Antonio Grande, no registro popular que media os homens pelo tamanho — e não morava na cidade. Morava no meio da mata, numa choupana, perto de um lugarejo chamado Boqueirão. Ali ela ajuntava e quebrava coco babaçu para vender, porque o babaçu era então a moeda das mulheres pobres da Baixada: quebradeira que quebrasse o dia inteiro punha comida na mesa. A choupana ficava onde a civilização terminava. Depois dela, o mato mandava.

No quarto dia, Valentim e Bizico partiram da cidade rumo à choupana, sem a menor noção do caminho. No Boqueirão, pediram informação.

Adiante, cruzaram com dois senhores que iam em sentido contrário e que lhes apontaram o rumo — Raimundo Olegário e Domingos, vulgo Domingos Cascavel. Chegaram. Foram recebidos, acolhidos, e no dia seguinte começaram a caçar. Tudo corria como o previsto no recado de Jacinta: muita caça e tiveram sucesso. As onças, por enquanto, guardavam sua entrada em cena para outro momento.

Capítulo 7 | O CARÃO

O tiro que fundou o Manoel João foi dado numa tarde de 1937, e o alvo era o jantar.

Estavam todos sentados em frente à choupana quando a ave passou voando e pousou numa cararaubeira. Um carão — ave palustre de grito rachado, figura banal dos campos alagados do Mearim, presa antiga do repertório de Valentim, que as abatia desde menino. Ele se levantou, apanhou a espingarda, mirou, atirou. Pontaria de sempre: o bicho caiu morto, um pouco distante. Valentim foi buscá-lo.

Foi então que o chão mudou debaixo dos seus pés. Diante dele estava uma floresta que ele conhecia — e nunca tinha visto. As árvores grandes cobertas de moitas, cipós e espinhos. As pedras enormes. As moitas de árvores pequenas, fechadas por cima e estranhamente limpas por baixo, o chão varrido pelo vento que levava as folhas. Sete anos antes, dormindo sob um ariticuzeiro em Anajatuba, um menino de doze anos sonhara com exatamente aquilo, traço por traço.

Agora o menino tinha dezenove anos, um carão morto na mão, e o sonho inteiro parado na sua frente, esperando.

Contam que ele ficou minutos imóvel, conferindo. Cada pé de árvore, as pedras, as águas — "tudo refletia seu

sonho", diz o relato da família. Depois apanhou a presa e voltou para a choupana, calado e pensativo, do jeito que voltam os homens a quem acaba de acontecer uma coisa grande demais para caber na conversa do jantar.

Dias depois, achou as palavras. Eram poucas, como seriam sempre:

— Jacinta, eu venho embora pra cá. Vou fazer uma casa aqui para eu morar.

Jacinta reagiu como reagiria qualquer pessoa sensata da região — isto é, listando os fatos. Ali era mato fechado. Ali tinha onça, muita. Ela o convidara para caçar, não para morar. Ele era um rapaz novo, bonito, com pai, mãe e doze irmãos em Anajatuba. E arrematou com a frase que resumia o caso na perspectiva de toda a humanidade razoável:

— Tudo eu te faço, menos aceitar que você vire comida de onça. Se você quiser morar em Arari, tudo bem. Mas pra cá dentro do mato, não, Valentim.

— Eu venho embora pra cá, Jacinta.

Não era teimosia — ou não era só. Na cabeça de Valentim, a questão estava decidida havia sete anos, num sonho debaixo de um ariticuzeiro; a tarde do carão apenas entregara o endereço. Reparou-se depois, na família, que a ave se comportara de modo estranho, voando de galho em

galho como quem conduz, até parar no ponto exato. Na leitura devocional, o carão foi o sinal prometido, o pombo daquele dilúvio particular. Na leitura do caçador, foi um carão. As duas leituras, mais uma vez, dão no mesmo lugar — que é, aliás, o que importa: o lugar.

Valentim passou um mês na choupana de Jacinta e voltou para Anajatuba, ainda em 1937, para cumprir a parte mais difícil de toda a fundação: pedir licença aos pais. Seu Pedro e Dona Mundica resistiram — o filho tinha só dezenove anos e o plano era objetivamente insano. Mas Valentim, quando decidia, tinha uma paciência de água: não batia, insistia. Os pais cederam.

Ainda em 1937, ele retornou. Ergueu uma choupana debaixo de uma árvore chamada tamborim e mudou-se para o meio do mato, levando duas companhias: o irmão José, o Zeca, ainda pequeno — e um cachorro chamado Maquiné, o leal bom companheiro que todo caçador desejaria ter ao seu lado.

Zeca, com o tempo, voltou para Anajatuba. Vieram então mais dois irmãos, Silvano — o Cici — e Dionato, dispostos a tocar a empreitada com o mais velho. Não foi a onça que os venceu, nem a fome, nem o medo: foi o mosquito. A malária, que naquela Baixada de campos alagados e água parada era menos uma doença que uma

condição do lugar, pegou os dois. Primeiro um, depois o outro — as febres cíclicas, o tremor, o corpo desmontado em poucas semanas —, e os dois tomaram o caminho de volta a Anajatuba, febris e vencidos, para serem cuidados na casa dos pais.

Não houve covardia naquilo. Havia aritmética: contra a mata se luta com facão e coragem, mas contra o Plasmodium não havia, em 1937, no interior do Maranhão, nada que se pudesse fazer além de suar a febre e esperar. Cici e Dionato voltariam depois — o povoado ainda os teria como moradores, e o campo de futebol como jogadores. Naquele momento, porém, saíram de cena.

O saldo da colonização, ao fim das primeiras tentativas, era este: Valentim, um cachorro e a mata.

Capítulo 8 | SOZINHO ENTRE ONÇAS

Toda manhã, em volta da choupana do tamborim, amanheciam rastros dos maiores carnívoros brasileiros à espreita. Pegadas gigantescas que comprovavam a presença de onças pintadas — e a história que os velhos do Manoel João mais gostariam de contar aos netos aconteceu justamente numa noite em que Valentim e Maquiné se desencontraram.

Foi assim: Valentim saíra à tarde com o cachorro para visitar um amigo, Sabino, casado com Joana, que morava a uns dois quilômetros. Choveu forte, anoiteceu, e Sabino fez o apelo do bom senso: ficasse, dormisse ali, fosse embora de manhã. Era tarde, era escuro, era perigoso. Valentim respondeu com a lógica de solteiro que tem casa vazia:

— Eu vou embora. A minha choupana ficou só, e depois eu tenho meu cachorro, que é um bom companheiro.

A chuva amainou para um chuvisco. Valentim fez um facho de tona de palmeira para alumiar o caminho, despediu-se e partiu — esquecendo um detalhe atrás de si: Maquiné, o bom companheiro, tinha encontrado coisa melhor que a escuridão molhada. Estava deitado junto às três pedras do fogão, no calor das brasas, e ali ficou. O guarda-costas dormiu no posto, e o posto era a cozinha alheia.

O facho apagou logo. Valentim seguiu no breu absoluto, enxergando o caminho por assinatura de relâmpago — um clarão, dois metros de visibilidade, escuridão de novo. A muito custo, chegou em casa e dormiu.

De manhã, Antonio Grande apareceu na choupana. Não era visita: era verificação de óbito presumido.

— Valentim, Valentim! Tu ainda está vivo, Valentim?

— Estou vivo!

— Valentim, vai embora! Vai pra onde o teu povo em Anajatuba, porque se tu ficar aqui, onça vai te comer! Vem aqui fora, vem olhar os rastros de onça ao redor de tua choupana! Tem rastro por todos os lados, o caminho está todo trilhado!

Valentim saiu e olhou. O terreiro estava carimbado. Na versão que a família guarda, para cada pegada dele na lama da véspera havia par de pegadas de onça: o bicho o seguira no escuro, passo a passo, a caminhada inteira. Ele, que não se intimidara com a noite, admitiu ali — a crônica registra, e o detalhe o humaniza — um arrependimento retroativo: olhando aqueles rastros, chegou a se arrepender de não ter dormido na casa do amigo.

Arrependeu-se da noite. Não do projeto. Antonio Grande mandou-o embora; ele ficou. Jacinta e o marido,

esses sim, acabaram partindo dali, e Valentim viu-se então rigorosamente só — "sozinho com seu cachorro no meio do mato, junto com as mais perigosas feras", resume o relato de família, que acrescenta a nota de tinta escura: viveu muitos anos de sofrimento e solidão.

Anos. A palavra passa rápido no papel. Foram anos de roça aberta a braço, de caça e pesca de subsistência, de silêncio tão comprido que, quando apertava, Valentim caminhava léguas até o Boqueirão só para ouvir voz de gente — e voltava cedo, porque a mata de noite cobrava pedágio. Foi nesse deserto povoado que o solitário tomou uma providência de fundador: já que o lugar seria seu endereço, o lugar precisava de nome.

Podia tê-lo batizado com o próprio nome — fundadores fazem isso desde que o mundo é mundo, e ninguém estranharia um "Valentinópolis" na Baixada. Fez o contrário. Foi buscar na memória do lugar o único homem que constava ter morado ali antes, num passado já sem testemunhas: um finado chamado Manoel João. E a esse nome alheio acrescentou, por conta própria, uma etimologia devota sob medida: Manoel, "Deus conosco"; João, o discípulo amado de Jesus. Homenagem ao pioneiro esquecido, com dedicatória ao Criador — na dúvida entre a história e a fé, Valentim, como sempre faria, ficou com as duas.

Assim, no meio do mato, por decisão de um homem só, nasceu o nome que hoje consta em cadastros da FUNASA, em atas de associação e na lembrança de algumas centenas de maranhenses: povoado Manoel João, no município de Arari-MA. O primeiro morador deu o nome; o segundo, tudo o mais.

Capítulo 9 | VISAGENS E VALENTIAS

Antes de a história ganhar esposa, filhos e capela, é preciso abrir espaço para um capítulo que a memória do Manoel João exige — o inventário dos perigos. Porque a juventude de Valentim, contada pelos que a ouviram dele, é uma coleção de encontros com o assombro, e suprimi-la seria contar outra vida.

Comecemos pelo mensurável. Houve a cobra. Numa caçada no campo do Manoel João, em pleno verão, Valentim, o filho Raimundo de Ribamar e os amigos Betuca e Zé Mendes bateram com um pau numa moita de mururu — e de dentro dela subiu uma cabeça de cobra de proporções que dispensavam adjetivo. Valentim atirou na cabeça e matou o bicho na hora, pontaria de sempre. Para arrancá-la da água foram precisos os quatro homens puxando. No seco, mediram: quarenta e cinco palmos. O leitor faça a conta — palmo é medida honesta, uns vinte e dois centímetros — e chegue por si mesmo aos quase dez metros. A crônica de família não pestaneja no número, e este livro o transmite como recebeu: junto com a ressalva de que peixe e cobra, em toda a história da humanidade, nunca diminuíram de tamanho ao virar lembrança.

Houve a onça baleada — Valentim acertou-lhe um tiro certeiro, a fera fugiu ferida, e ele mandou Bizico buscar reforços: Dionato, Florêncio, Adrônico e Mariano. Encontraram-na, e quem a matou foi Mariano, que era

deficiente de um braço. O detalhe está no relato original e fica aqui preservado, porque diz muito sobre aquele mundo: até para matar onça havia vaga para todos.

Houve o garrote. O gado da época era criado solto no campo, arisco de gente, e havia um garrote grande e brabo que investiu contra Valentim e um companheiro. O companheiro correu — o relato de família usa uma expressão técnica que a decência manda parafrasear: correu com empenho máximo. Valentim não correu. Ficou parado onde estava. O garrote chegou, bufou, bufou de novo, deu meia-volta e foi embora bufando. Não se sabe o que o garrote viu. Sabe-se o que os presentes viram, e nunca esqueceram.

E houve o imensurável — as visagens, para usar a palavra da terra. Duas noites, sobretudo, ficaram no repertório.

A primeira, ainda em Anajatuba, aos quinze anos: caçando jurará no campo do Areal, a noite o pegou longe de casa. Avistou uma casa de criador de porcos, vazia — nem gente, nem bicho —, entrou, deitou no chão e dormiu. Alta noite, acordou com um bufo de animal. Foi olhar, porque era Valentim: na porta da casa, uma vaca branca, deitada, ruminando. Olhou-a um tempo, voltou a deitar, dormiu. De manhã, a vaca não estava lá — e não havia, em volta da casa, um único rastro de gado.

Naquele campo de cobras venenosas e jacarés grandes, Valentim concluiu, e sustentou pelo resto da vida, que a vaca branca era a guarda divina de plantão à sua porta.

A segunda, já homem feito, no Igarapé de Perimirim: saíra à tarde para pescar capadinho, e uns tapageiros que encontrou no caminho tentaram demovê-lo — ficasse com eles, que de peixe o abasteceriam; naquele lugar aonde ia, de noite ninguém podia ficar: lá tem muita visagem. Agradeceu e foi. Arrumou a canoa, esperou anoitecer, começou a pescar. Veio então um barulho estranho, primeiro como toque de cavaquinho, depois degenerando em outro som, horrível, "como se fosse osso quebrando", aproximando-se. Valentim pegou o facão e esperou o dono do barulho. O que veio não foi bicho nem gente: foi uma luz. Uma luz fortíssima que o envolveu por inteiro, com canoa e tudo, tão clara que alumiava o fundo d'água e lhe mostrava os peixes. Ele ainda perguntou, facão na mão, para a noite: — O que é que quer? O que é isso? — Não houve resposta. O barulho cessou. Valentim remou para casa e, já longe, olhou para trás: a luz continuava lá, parada sobre o lugar, como um farol sem torre.

Que fique claro o estatuto destas páginas: são a memória de um homem, recolhida por sua gente. O biógrafo não estava na canoa. Mas anota, para reflexão do leitor, uma constância: em todos os relatos, do berço à velhice, o sobrenatural que ronda Valentim jamais o ataca — escolta.

A vaca branca vigia, a luz ilumina, a onça segue e não salta, o garrote bufa e desiste. É como se o mundo invisível da Baixada tivesse recebido, a respeito daquele homem, alguma ordem superior de serviço. A família sempre soube qual.

PARTE III — VINECA
(1948–1960)

Capítulo 10 | A MENINA DO TESO

Enquanto Valentim abria roça no meio das onças, a outra metade desta história crescia do lado de lá do Mearim.

Venerável Antonia Mendes nasceu em Anajatuba em 31 de maio de 1923, morena de cabelos encaracolados, filha mais velha de Severo Maximiano Mendes e Josefa Rosa Lima Mendes. O leitor já conhece a família: é a mesma de Jacinta e de Bizico — Vineca, como todos a chamariam, era irmã dos dois. O destino, que costuma disfarçar melhor, nesta história trabalhou com o elenco à vista desde o primeiro ato.

O nome de batismo — Venerável — parece profecia de cartório, mas era devoção comum do calendário; a vida é que se encarregaria de torná-lo literal. A infância acabou cedo: Severo morreu quando o caçula da casa, Zé Mendes, tinha dois anos. Vineca tinha doze — e, sendo a mais velha de uma casa cheia de pequenos, doze anos era idade de assumir. Foi trabalhar por diária na roça, ajudando a mãe a sustentar os irmãos, num tempo em que o pagamento vinha em pataca e depois em vintém, moedas que hoje só existem em ditado.

Como tantas moças pobres da Baixada, o caminho seguinte foi a cidade: Vineca mudou-se para Arari, para trabalhar "em casa de família" — o eufemismo secular do

serviço doméstico. Hospedou-se na casa de sua madrinha, uma senhora chamada Zezé, da família Garcia, que a tratou como filha e de quem Vineca cuidaria na lembrança como de uma segunda mãe. Aos poucos, o resto da família fez o mesmo trajeto: vieram as irmãs, depois Josefa com os menores, até que os Mendes do Teso eram, todos, gente de Arari.

E aí a geografia fechou o circuito. Porque Valentim, morando na mata por convite de Jacinta, visitava de vez em quando dona Josefa — a mãe da amiga, a velha conhecida de Anajatuba. E nessas visitas de cortesia começou a reparar na filha mais velha da casa.

Capítulo 11 | O CASAMENTO

O namoro foi como tudo em Valentim: sem pressa e sem recuo. Ele já passava dos vinte e muitos; ela, dos vinte. Em 1948 — ele com vinte e nove anos, onze de mata nas costas — casaram-se.

Pare o leitor um instante nessa data e faça as contas do noivado da noiva. Vineca, criada na cidade de Arari, casou-se com um homem cujo endereço era uma clareira sem vizinhos, a horas de caminhada de qualquer rua, num lugar que o marido batizara pessoalmente porque antes dele o lugar nem nome tinha. O enxoval incluía, por assim dizer, as onças. Se este livro fosse romance, a heroína hesitaria por trinta páginas. Vineca, que não era personagem, foi.

Do casamento nasceram seis filhos, e a lista traz embutida a estatística de dor daquele tempo sem médico: Maria da Conceição, a primogênita, em 1949, um ano depois do casamento; Sônia Maria; Maria da Glória, que morreu com dois meses; Raimundo de Ribamar; José Francisco; e Sebastiana da Paz, que morreu com dois anos. Quatro vingaram a infância inteira, dois foram enterrados pequenos — e um sétimo viria sem nascer deles: anos depois, o casal adotou um menino de cinco meses, Saulo Roberto. Numa casa que já dividia o pouco com todo mundo, um prato a mais nunca foi problema de aritmética.

A economia da família era a da roça completa: arroz, mandioca, milho, feijão, e o pomar que Valentim foi

plantando — bananeiras, laranjeiras, tanjeiras, mangueiras de várias qualidades. Pescava, caçava (o motivo oficial da vinda, afinal), criava porcos e galinhas, chegou a ter alguns gados. Comia-se sobretudo peixe e carne de caça, que então havia em fartura. Vendia-se pouco, e só por necessidade: um dinheiro para remédio quando alguém adoecia, outro para o que a roça não dava. Riqueza, nunca. A frase-síntese da família sobre as posses de Valentim tem a beleza das contabilidades espirituais: sua riqueza era apenas a graça de Deus. O inventário material confirmava: um colar de ouro, usado nas festas. Era toda a joalheria de um fundador.

Mas seria erro pintá-lo como asceta carrancudo. O Valentim daqueles anos tocava rebeca, clarinete e sanfona; gostava de samba, marcha e valsa; frequentava — raramente, mas com apuro — as festas, e nelas trocava a calça topper e a camisa esporte do dia a dia pelo linho, a manga comprida e a gravata, porque pobreza, para ele, nunca foi licença para desleixo. Nos junhos, divertia-se com um número de pirotecnia caseira que hoje daria processo e então dava plateia: cortava tabocas, ajuntava-as em pé, tocava fogo e esperava, com os meninos, o estouro. O homem que conversava com anjos também gostava de ouvir bambu explodir. As duas informações são igualmente verdadeiras, e uma biografia honesta entrega as duas.

Capítulo 12 | O ANO EM QUE O CORPO FALHOU

Em 1958, a saúde de Valentim — aquela saúde de fundação frágil e resistência absurda, forjada numa queimadura de berço — desabou.

Começou com o quadro que se repetiria: febre, vômito, diarreia, uma infecção intestinal que nada combatia. Tratou-se em casa com remédio caseiro; não resolveu. Foi para Arari, onde passou um mês nas mãos do homem que era, então, todo o sistema de saúde do município: Tonico Santos, enfermeiro, que consultava e receitava porque médico, em Arari, simplesmente não havia. Não resolveu. Procurou-se um "doutor do mato", o curandeiro Pedro da Silva. Nada. Cada dia era pior que o anterior, e a família começou a se preparar para o desfecho que a lógica indicava.

Decidiu-se então a viagem da última esperança: Anajatuba, terra natal, onde morava outro curandeiro, Luzardo, que era até parente. O trajeto do doente dá, sozinho, a medida do mundo em que essa história se passa: Valentim desceu o Mearim numa lancha chamada Santa Rita, desembarcou no Igarapé do Arapari e dali seguiu a cavalo até o Teso. Um homem desidratado de vômito e diarreia, com febre, a cavalo. O leitor que já pegou fila em pronto-socorro medite.

Em Anajatuba, meses de tratamento — ervas, paciência, reza — e a curva enfim virou. Valentim sobreviveu, para espanto geral: boa parte da parentela já perdera a esperança. Mas a doença, ao sair, cobrou um pedágio estranho, que a família nunca soube nomear e que este livro registra como recebeu: quanto mais ele se recuperava e engordava, mais fraco ficava. O corpo voltou; a força, não. O homem que carregava peso de dois passou a não aguentar um cacho de banana no ombro.

E aqui a biografia de Valentim precisa parar e mudar de protagonista por algumas páginas, porque os anos seguintes pertencem a Vineca.

Foi ela quem cuidou — e "cuidar", no vocabulário daquela casa, era palavra de plantão integral. Quando as crises voltavam, com o vômito, a diarreia, a febre e "uma suadeira que não tinha lençol que aguentasse", as visitas vinham de dia e iam embora de noite; quem ficava, noite após noite, perdendo o sono ao lado da rede, era Vineca, com os filhos pequenos dormindo no mesmo barraco. Foi ela quem assumiu, além da casa, o braço que faltava na roça. A cena que a memória da família guardou como um retrato — e que nenhuma pessoa teria coragem de duvidar, de tão exata — é esta: Valentim cortava os cachos de banana, porque isso ainda podia; Vineca os punha no ombro ou na cabeça e carregava. E os dois voltavam da roça

escondidos por dentro do mato, evitando os caminhos, porque quem os visse — ela vergada sob a carga, ele de mãos vazias — não conhecia a doença e tinha o veredicto pronto: preguiçoso.

Valentim, o respeitador, o homem que enfrentara onça no escuro, descobriu naqueles anos um adversário para o qual não tinha pontaria: a vergonha. A crônica da família registra que ele, impedido de trabalhar, escondia-se para chorar — não de dor, mas de vontade de trabalhar sem força para isso. Quem quiser entender o que o Manoel João viu nesse homem a ponto de segui-lo por décadas, comece por aí: o povoado conheceu suas lágrimas antes de conhecer seus sermões. Autoridade, ali, ninguém recebeu de cima. Foi carregada, como os cachos de banana — e, durante anos, foi Vineca quem carregou as duas coisas.

Registre-se ainda, porque pertence a este capítulo do corpo, o episódio que lhe custaria os sentidos: certa vez a sogra, dona Josefa, adoeceu, e era preciso buscar remédio no Teso de Anajatuba. Valentim estava gripado e febril — ninguém sabia — e foi assim mesmo, porque recusar socorro não constava do seu repertório. No caminho, atravessou um igarapé molhando-se por inteiro, e a gripe virou coisa pior: um mês de febre em Anajatuba, e de lá por diante uma surdez progressiva que o acompanharia, somada, com os anos, a uma vista cada vez mais curta. Na volta dessa

jornada, perdeu-se no caminho, e só o acertou porque um menino lhe apontou o rumo. A imagem fecha o capítulo por conta própria: o homem que nunca se perdia no mato, guiado por uma criança. O corpo começava a cobrar os juros de todas as valentias. A missão, porém — e ninguém sabia, nem ele —, ainda nem tinha começado.

Um dado doméstico completa o quadro daqueles anos: por volta de 1955, com Seu Pedro já falecido, Dona Mundica e os irmãos de Valentim mudaram-se de Anajatuba para o Manoel João. O lugar que fora a loucura de um filho virava o endereço da família inteira. O povoado, sem alarde, deixava de ser um homem só.

PARTE IV — O CAÇADOR DE ALMAS
(1960-1997)

Capítulo 13 | O TAMBORETE

Em 1960, o Manoel João já não era um homem e um cachorro, era um povoado de doze famílias, representadas por: Valentim e Venerável, Biné e Maria, Sebastião e Laura, Adrônico e Dinorá, Adail e Francisca, Silvano e Teresinha, Dionato e Raimunda, Bizico e Maria, José Oliveira e Antonia, Manoelzinho e Maria, Rufino e Raimunda, João e Rosarinha. Doze famílias, doze casas — assim como foram as de Israel. Casas que ficavam longe umas das outras, apenas fisicamente, mas a distância, ali, nunca foi desculpa: visitava-se muito, e o calendário religioso costurava essa união.

Os pais de Valentim tinham-lhe deixado de herança a devoção a São João e a Santo Antônio, as ladainhas rezadas em latim — analfabetos cantando na língua de Roma, fenômeno que o Brasil católico produziu aos milhões e nunca achou estranho —, os Benditos e os cânticos. Valentim e o irmão Zeca Oliveira rezavam essas ladainhas pelas casas dessa nova vizinhança, a convite, sobretudo nos meses santos de maio, junho e julho.

Maio, aliás, era o auge: mês de Maria e mês do corte do arroz, devoção e colheita de mãos dadas. Homens, mulheres e meninos voltavam da roça e se juntavam num terreiro amplo: fogueira, reza, e depois as brincadeiras de roda, noite adentro. Foi numa dessas noites — julho de 1960, na casa de Manoelzinho Bacural, cunhado de Valentim —

que a história do povoado dobrou sua esquina mais importante.

Terminada a reza, na hora das brincadeiras, Valentim fez uma coisa que não estava no programa: subiu num tamborete. Precisava ficar mais alto, e o mobiliário disponível era aquele. E, do alto do tamborete, aos quarenta e dois anos de idade, começou a falar — de repente, sem aviso, sem texto — sobre a vida e os exemplos de Santa Terezinha.

Não se sabe quanto durou. Sabe-se o efeito: a plateia de lavradores, que viera para brincar de roda, ficou. Ouviu. Admirou-se — "com tamanha sabedoria", diz o relato. Ninguém ali, começando pelo orador, sabia dar nome ao que tinha acontecido. Um homem que não lia soubera, de pé num tamborete, prender uma comunidade inteira falando de uma santa que conhecia por ouvir dizer.

O mais bonito do episódio, porém, é o que Valentim fez em seguida — e que o define melhor que o próprio discurso. Outro, no lugar dele, teria se contentado com o sucesso. Valentim fez a autocrítica: concluiu que falara de uma santa sem saber o suficiente sobre ela. E foi atrás de saber. Dias depois, tomou o rumo de Arari, direto à Casa Paroquial, procurar o vigário — queria explicações melhores. O caçador farejara uma trilha nova, e a trilha, desta vez, terminava numa estante de livros.

Capítulo 14 | OS LIVROS DE PORTUGAL

O vigário de Arari chamava-se padre Clodomir Brandt Silva, e o diálogo que travou com o lavrador do Manoel João merece, na história do povoado, o estatuto que as repúblicas dão a suas atas de fundação. Diante daquele homem de mata que viera, por conta própria, pedir aula sobre santa, o padre fez a pergunta prática:

— Compadre Valentim, você é uma pessoa inspirada por Deus! Você sabe ler?

— Não, senhor.

— Lá tem alguém que sabe ler?

— O meu cunhado sabe um pouco.

O padre tinha em mãos uns livros recém-chegados de Portugal — manuais de catequese popular e de doutrina para leigos. E fez então a aposta que só os bons pastores e os bons técnicos de futebol sabem fazer: escalou o improvável.

— Basta uma pessoa ler, para você explicar. Estou vendo nos seus olhos que você tem um dom especial. Tenho certeza que vai dar certo. Você aceita?

Valentim aceitou "sem questionar" — a fórmula do relato familiar, que serve de epitáfio para todas as decisões da vida dele. Levou os livros para o mato e entregou-os a Bizico. Bizico: o companheiro da caminhada de 1937, o irmão de Jacinta e de Vineca, o cunhado de "sabe um pouco".

Estava fundada, ali, a mais improvável instituição de ensino do Maranhão: uma dupla em que um lia com dificuldade e o outro não lia de jeito nenhum — e da qual sairia a formação religiosa de uma região inteira.

O método era este, e funcionou por anos: Valentim passava tardes inteiras na casa de Bizico. Bizico lia, tropeçando; Valentim ouvia, com atenção total. E depois interpretava — e a interpretação, testemunham todos, saía perfeita, clara, ao alcance de qualquer um. Aos domingos, o povo se reunia no salão da casa de Valentim: Bizico fazia as leituras, Valentim explicava, o povo entendia. A semana era do trabalho; o domingo, "Dia do Senhor", era da capela improvisada e das visitas.

Nem todos aplaudiram. A notícia de que Valentim era o catequista do povoado dividiu opiniões, e a ala cética cunhou a frase que ele carregaria como um troféu às avessas: *nunca vimos quem não sabe ler querer ser padre!* Valentim não respondeu — não respondia nunca; deixava o serviço responder. Comprou, com o tempo, mais livros para o arsenal de Bizico: o Adoremos, uma História Sagrada, um Na Escola de Jesus. Um analfabeto formando biblioteca: os céticos que se entendessem com o paradoxo.

Aqui pede-se licença para uma nota, porque o caso a exige. O que aconteceu no Manoel João a partir de 1960 tem nome técnico na história da Igreja — é o leigo catequista, figura que sustentou o catolicismo rural brasileiro em séculos de escassez de padres. Mas tem também uma chave anterior, que a própria família intuiu: desde menino, Valentim sonhava e encontrava. A caça, primeiro. Agora, o sentido dos textos. O padre Chiquinho, que entra nesta história no capítulo seguinte, daria ao fenômeno a formulação definitiva. Um dom não se explica; muda-se de presa.

Capítulo 15 | VALENTE DE RELIGIÃO

O trabalho cresceu e vazou as fronteiras do povoado. Estabeleceu-se um rodízio: num domingo, celebração no Manoel João; no outro, Valentim e sua gente pegavam a estrada — a pé, a cavalo — para levar a Palavra aonde ela estivesse em falta. A lista dos lugares percorridos, preservada pela família, é um mapa afetivo da região: Pedra do Rumo, Giquiri, Bamburral, Félix, Quindiu, Morada Nova, Coco, Santo Antônio, Genipapo, Locas, Colombo, Cariongo, Enseada do Engenho, Camundá, Vitória, Arari, Anajatuba. Povoado que precisasse, povoado que recebia.

Recebia de graça, e o ponto era inegociável. Choveram convites, alguns com oferta de pagamento; Valentim recusou todos os pagamentos com a máxima que virou lema da casa: *"De graça se recebe, de graça se dá."* É citação evangélica quase literal — Mateus, capítulo dez —, o que não deixa de ser curioso: o analfabeto citava a Escritura melhor do que muito doutor, porque a citava vivendo.

A consagração veio pelo Areal, sua terra natal, onde todo ano, em 13 de outubro, havia um festejo de que o Manoel João participava em peso. Em 1961, houve por lá um encontro religioso para o qual se convidou o padre Chiquinho. O padre não pôde ir e mandou o secretário, Zé Borges, observar. Zé Borges voltou impressionado e deu ao patrão o relatório que mudaria um nome: *Padre, eu gostei*

muito. Seu Valentim fala muito bem. No próximo, é bom o senhor participar, para confirmar o que eu estou falando.

No encontro seguinte, veio novo convite do Manoel João, e desta vez o padre Chiquinho não mandou representante: foi. Celebrou a missa — e, no meio dela, fez uma coisa que ninguém esperava. Mandou colocar duas cadeiras diante do povo. Chamou Valentim. Chamou Dona Mundica, a mãe. E, com os dois sentados ali, proclamou, emprestando ao lavrador e à lavradora as palavras que o Evangelho reserva a Jesus e Maria:

— Bendito o ventre que te concebeu! Bendito o seio que te amamentou!

E completou, virando-se para o filho:

— Valentim, você agora é caçador de almas para Deus. O seu nome não é Valentim: *é Valente de religião*.

Há batismos que descrevem e batismos que criam. Este fez as duas coisas. "Caçador de almas": o padre, soubesse ou não das pacas sonhadas da infância, acertara no centro da biografia — o dom era o mesmo, mudara a caça. E "Valente": o nome de guerra pegou, atravessou as décadas, chegou ao título deste livro. Terminadas as festividades, todos voltaram para casa "como de costume", anota o relato, com aquela secura maranhense que se recusa a sublinhar os próprios momentos históricos. O costume, porém, tinha acabado de mudar de nome.

Capítulo 16 | A ROMARIA DOS DESCALÇOS

O 13 de outubro no Areal virou, com os anos, a romaria oficial do Manoel João — e o retrato mais fiel do que aquela comunidade era.

Sete léguas separavam o povoado da festa. Sete léguas: mais de quarenta quilômetros. Iam todos — famílias inteiras —, uns montados, a maioria a pé, levando a comida da jornada. Na hora do almoço, acampava-se debaixo das árvores; estendiam-se plásticos no chão; e então acontecia o gesto que define uma civilização: cada um colocava o que levava, e em seguida tudo era misturado. Comia-se do monte comum, à vontade — e sobrava. Sobrava sempre, e a sobra virou doutrina: o povo jurava que aquela comida se multiplicava conforme a quantidade de gente. O biógrafo, que não almoçou lá, limita-se a registrar que a multiplicação dos alimentos, no Manoel João, tinha ao menos uma explicação documentável: gente pobre que mistura tudo o que tem já realizou o milagre antes da sobremesa.

E foi numa dessas jornadas, debaixo das árvores do almoço, que Valentim soltou mais uma das suas. Terminada a refeição, comentou, olhando o caminho de terra:

— Hoje nós estamos viajando a pé, mas daqui a alguns anos nós vamos viajar de carro. Vai ter muitos, grandes e pequenos, para transportar as pessoas.

Ninguém disse nada — o relato anota o silêncio, que era o jeito educado de duvidar. Passaram-se os anos, veio a estrada, vieram os carros, e houve romaria de outubro em que se contaram vinte ônibus lotados, fora os carros pequenos, despejando romeiros no Areal. Os que tinham calado no almoço estavam, muitos, dentro dos ônibus. A vida, no Manoel João, adquirira o hábito de dar razão a Valentim com uma pontualidade que já nem surpreendia.

Capítulo 17 | O MEU POVO PRECISA DE MIM

Se a vida de Valentim coubesse numa frase, seria a que ele próprio repetia, como quem informa o endereço: *o meu povo precisa de mim*. A entrega foi o seu principal legado — e tomou todas as formas que um homem pode dar: o trabalho, o conselho, a cura e, num dia que este capítulo contará, a própria vida, posta na mesa de braços abertos. Comecemos pelas curas, porque é por elas que chega o momento que toda biografia de homem santo enfrenta — e que separa as biografias dos panfletos. Elas existem no relato da família em bom número, testemunhadas por gente muita e variada, que viu com os próprios olhos; e este livro as narra como foram vividas: sem lhes emprestar o carimbo da medicina nem o deboche da descrença.

Com o crescimento dos trabalhos religiosos, começaram a procurá-lo pessoas com achaques — nódulos, dores, males sem nome. Pediam que Valentim passasse um pouco de saliva no lugar do mal. Ele passava. E elas, diz a memória do povoado, "misteriosamente ficavam curadas". O gesto tem pedigree evangélico preciso — Cristo curou com saliva o cego de Betsaida e o surdo-mudo da Decápole —, e é improvável que Valentim, àquela altura um profundo conhecedor auditivo dos Evangelhos, não o soubesse. Se era fé, sugestão, ou aquilo que a fé e a sugestão às vezes fazem juntas e a ciência ainda estuda sob o nome

de placebo, não caberá a nós decidir. Os curados não pediram segunda opinião.

O caso mais completo do dossiê é o de Raimundo de Almeida, e vale contá-lo inteiro porque nele os dois mundos — o do remédio e o do milagre — trabalham de mãos dadas, sem cerimônia.

Raimundo era um amigo de povoado vizinho que caiu de cama com a doença que o povo chamava, com realismo brutal, de barriga d'água: a esquistossomose, praga das águas paradas da Baixada, então quase sentença. Piorava a olhos vistos; a vizinhança já começara a "fazer quarto" — o velório antecipado da cortesia interiorana, em que se passa a noite na casa do doente que "está esperando a hora". Valentim reuniu o povo: *nós vamos visitar Raimundo, que está quase morto*.

Chegando lá, foi direto à rede e abriu os trabalhos com um diagnóstico que contrariava todos os presentes, inclusive o paciente:

— Seu Raimundo, você vai ficar bom!

E aqui o leitor espere a imposição de mãos — e receba, em vez dela, a cena que faz deste episódio um pequeno tratado: Valentim meteu a mão no bolso, tirou dinheiro, e despachou o irmão: Compadre Zeca, vai em Arari comprar injeção e remédio para seu Raimundo. Quando o senhor chegar, aplica a injeção e entrega os remédios para a esposa

dele. O profeta receitou farmácia. A fé, no Manoel João, nunca dispensou a injeção — completou-a. E, antes de sair, Valentim ainda deixou a segunda metade da profecia, a mais ousada, dirigida a um moribundo:

— Seu Raimundo, o senhor vai viajar junto conosco para Arari e vai se casar católico com sua esposa!

Raimundo, conta o relato, olhava e baixava a cabeça — não acreditava, e quem haveria de acreditar? Zeca aplicou a injeção; a esposa, Eufrásia, deu os remédios na hora certa; a barriga foi baixando; e Raimundo de Almeida ficou bom. Passou a viajar com o povo do Manoel João rumo a Arari, como fora dito. E tempos depois, numa missa celebrada na casa de João Canoa, diante de muita gente, casou-se católico com Eufrásia — cumprindo, no altar improvisado, a receita completa: injeção, remédio, fé e matrimônio, na ordem em que Valentim as prescrevera.

O terceiro caso do capítulo é o mais íntimo, porque a testemunha é Vineca, e o curado é o próprio curador. Havia encontro marcado no povoado de Cariongo, e dias antes Valentim caiu de febre altíssima. Adail (meu avô), compadre e cunhado de Valentim, veio sondar: iam ou não iam? *Nós vamos sim, compadre*. Vineca protestou com a lógica das esposas de todos os tempos: *Rapaz, tu desse jeito, quase morto, vai pra onde? Nós não vamos, compadre!* Sem que se chegasse a um acordo entre o casal, ficou ainda combinado

que às quatro da madrugada Adail voltaria para saber a decisão final.

Na madrugada, com a febre ainda alta, Valentim estava acordado quando — é Vineca quem conta, e a família guarda o relato dela — alguém entrou no quarto. Ela sentiu a presença e perguntou*: Valentim, quem é?* Ele mal conseguia falar; saiu-lhe, embrulhado: *Vineca, um anjo! Não tenha medo!* E então, momentos depois, a voz dele voltou limpa, normal, e disse a frase que a família repete até hoje no mesmo pé:

— Vineca, já estou curado! O anjo do Senhor me curou neste instante!

Quando o pessoal chegou, Valentim estava de pé, pronto, e partiram para o Cariongo. Os retardatários, que apostavam que doente daquele jeito não viajava, bateram na porta e ouviram dos meninos a resposta que fecha o capítulo melhor do que qualquer glosa do biógrafo:

— Papai já foi pro Cariongo!

Era assim. Aonde Valentim ia, o povo ia atrás — e ele ia sempre, porque, na fórmula com que resumia a própria vida, sem retórica e sem exceção: o meu povo precisa de mim. A família, ele a mencionava pouco; para Valentim, testemunham os que o seguiram, a família era o povo.

E que ninguém tome a devoção por frase feita, porque ela foi testada — com arma de fogo na frente.

O rio que corta o Manoel João e desce para desaguar em Arari sempre foi a despensa do povoado. Nele os moradores armavam uma tapagem — a barragem artesanal de pesca que a Baixada ergue há gerações — e dela tiravam o peixe que alimentava a comunidade, sob uma regra que Valentim fazia cumprir com rigor de quem entendia de amanhã: só se pescava depois da desova. O peixe do ano seguinte não se comia hoje.

Por conta disso, certa vez, um tenente confrontou Valentim. Armado, ordenou pela destruição da tapagem — dizia, falsamente — que atrapalhava o fluxo natural do rio. A tradução da cena dispensa farda: um homem com arma mandando destruir a fonte de comida de um povoado inteiro, com base numa acusação que não parava em pé.

Valentim fez a única conta que sabia fazer — de um lado a ordem, do outro a fome do seu povo — e deu a resposta com o corpo. Abriu os braços diante do tenente e ofereceu-se: que o matasse, então. Preferia morrer ali a ver o povo passar fome.

Conta a memória do povoado que o tenente, diante daqueles braços abertos, baixou a cabeça. Disse que não podia fazer aquilo. E foi embora.

A tapagem, porém, ainda teria de vencer um segundo cerco: tempos depois, veio de Arari um grupo de gente disposta a fazer o serviço que a farda não fizera. Encontrou o

mesmo muro — o povoado em pé, atrás do homem que já demonstrara o preço que cobrava por aquela barragem: a própria vida. Voltaram como o tenente: de mãos vazias. A tapagem ficou.

Ficou — e frutificou, como tudo o que Valentim defendeu. A pesca seguiu sendo uma das principais subsistências do lugar, e a história ganhou seu fruto de calendário: entre os meses de junho ou julho, o Manoel João celebra a Festa do Peixe, em que todo o pescado é distribuído sem que ninguém cobre um centavo de ninguém — e gente de inúmeras localidades volta para casa com peixe em abundância. O tenente queria derrubar a tapagem; a tapagem virou festa. Na contabilidade do Manoel João, mais um caso encerrado com o placar de sempre.

O povo, que sabia do que aquele homem era capaz, retribuía do único jeito que fazia sentido: não o deixava ir sozinho a lugar nenhum.

Capítulo 18 | AS PROFECIAS

É hora de reunir num só capítulo aquelas que formam, na memória do Manoel João, um corpo à parte: as profecias.

Numa celebração de domingo, Valentim anunciou estrada, carros, autoridades: o bispo, o governador, todos virão nos visitar. A ala cética respondeu à altura: só se for o carro dele que vem pra cá — onde já se viu vir carro para esse fim de mundo! Só na cabeça dele! E ele, em vez de recuar, dobrou a aposta com as duas previsões mais audaciosas do repertório, porque não falavam de visita, falavam de destino: *o meu povo ainda vai trabalhar calçado,* e *não mais descalço como nós trabalhamos hoje. Aqui ainda vai ter doutor.*

Some-se a profecia dos ônibus da romaria, já contada. E some-se a mais curiosa de todas, porque envolve futebol — e porque tem estrutura de sentença bíblica com conteúdo de várzea. Os jovens do Manoel João jogavam bola no campo do Boqueirão, o lugarejo vizinho, maior e mais antigo. Os craques da época atendiam por Biné, Adail (o goleiro, e bom), Lulu, Cici, Donato, Manoel Oliveira. Valentim não jogava — assistia, torcendo pelos irmãos. E um dia decretou:

— Vocês não vão mais jogar bola no Boqueirão. Vocês vão procurar um lugar para fazer um campo de futebol para vocês jogarem, porque o Manoel João vai crescer e o Boqueirão vai se acabar.

Um pequeno povoado decretando a sua própria independência esportiva: era, na aparência, mais uma "invenção". Mas repare no que Valentim de fato mandou

fazer. Não mandou ninguém deixar de jogar, nem previu desgraça ao vizinho: mandou os seus procurarem um lugar e abrirem o próprio campo. A ordem não era sobre o Boqueirão. Era sobre não depender mais dele.

Os meninos, que já tinham aprendido a não discutir, saíram à procura. Acharam um lugar de muito mato e o derrubaram — a facão, a foice, no tempo que sobrava da roça, como se fazia tudo ali. Foi, muito provavelmente, o primeiro mutirão dos jovens do Manoel João: a mesma matéria da estrada de quatro quilômetros que os pais abririam depois, o mesmo método, só que agora com as mãos da geração seguinte e por um motivo que os adultos talvez achassem menor e que para eles era enorme — ter onde jogar sem pedir emprestado o chão do vizinho. Quem já dependeu de campo alheio sabe o tamanho dessa conquista: acaba a hora marcada, acaba o convite, acaba o favor. O campo do Manoel João era do Manoel João.

E ficou. Décadas depois, o veredito da história completou o serviço por conta própria: o Boqueirão acabou — restou dele uma fazenda, hoje de José de Ribamar Rodrigues Fernandes, o Zequinha, grande amigo de Valentim —, o Manoel João cresceu e não parou. No chão aberto a facão pelos meninos de 1960 seguem jogando filhos, netos e bisnetos daqueles jogadores; das instituições que o povoado criou. Um campo de várzea aberto no mato virou o mais antigo registro visual contínuo da comunidade — o que, para um povoado que nasceu de um sonho e se manteve de mutirão, é um destino perfeitamente coerente.

Quanto às visitas: Dom Reinaldo, bispo, veio — a primeira vez em dezembro de 1982, com boa parte dos céticos ainda viva para conferir. E em 1997 veio a governadora do estado, Roseana Sarney, entrando de carro pelo caminho que os moradores tinham aberto a braço — cena com que este livro escolheu começar, porque nela os dois planos da história de Valentim, o do facão e o da fé, se encontram fisicamente: a autoridade profetizada chegou pela estrada construída em mutirão.

E houve a luz. Em 1989, o deputado federal Sarney Filho — irmão da governadora que anos depois faria o mesmo caminho — visitou o Manoel João e, em discurso à comunidade, prometeu energia elétrica. A eletricidade chegou. Some-se a promessa cumprida à lista: Valentim anunciara, no tempo do candeeiro e do facho de tona de palmeira, que aquele fim de mundo teria estrada, carro, autoridade e luz — e um por um, os quatro vieram, alguns pela mão dos próprios homens do poder que a profecia previra que viriam.

E havia uma profecia que soara mais absurda que todas — porque Valentim não anunciou apenas carros e autoridades naquele fim de mundo: anunciou que ali um dia pousaria até avião. Num lugar sem estrada, onde a novidade máxima era o cavalo e a lancha, prometer aeronave era o cúmulo do disparate; deram de ombros, como sempre.

Em 27 de março de 2026, um helicóptero pousou naquele chão. Dele desceu Tiago Fernandes, secretário de saúde do estado do Maranhão — filho do Zequinha, o velho

amigo fazendeiro de Valentim. O menino da vizinhança virou a autoridade que o profeta prometera, e chegou pelo céu que o profeta apontara, sobre a terra onde um dia só havia mato, onça e a palavra de um homem que ninguém levava a sério. Das profecias de Valentim, essa é a que tem gol de placa.

E os doutores vieram do jeito que ele disse — de dentro. As gerações seguintes do povoado formaram professores, servidores públicos, advogados, gente de diploma, filhos e netos de lavradores descalços trabalhando calçados. Sobre esse cumprimento, o mais lento e o mais profundo de todos, o relato da família tem uma frase de fecho que dispensa retoque: *tudo o que ele falou que iria acontecer, realmente aconteceu*.

O biógrafo, a quem cabe a ressalva, faz a sua: profecias lembradas depois de cumpridas são o gênero mais indulgente da memória humana — ninguém guarda as previsões que falham. Dito isso, cumpre registrar o que torna o caso Valentim resistente ao ceticismo de rotina: as previsões dele foram feitas em público, contra o riso da plateia, com décadas de antecedência, e as testemunhas dos dois momentos — o do anúncio e o do cumprimento — são as mesmas pessoas, muitas vivas. O leitor faça o que quiser do dado. O Manoel João já fez.

Capítulo 19 | O MUTIRÃO

Muitos devem procurar a explicação de por que o Manoel João deu certo.

Além dos direcionamentos da fé, desde o início, tudo ali se decidia em conjunto — "levando em conta a opinião de todos", diz o relato — e se executava em multidão. A unidade de medida do trabalho comunitário era assombrosa: uma casa num só dia.

Precisou alguém de casa, no povoado ou nos vizinhos, juntava-se o povo de manhã e à noite a casa existia. Adoeceu um lavrador na época do roçado, a roça dele não parava: os outros a tocavam. Era a fé de Valentim aplicada à economia — e funcionava melhor que muita política pública que viria depois, com a vantagem de não exigir contrapartida além da recíproca.

A obra-prima do método foi a estrada. O povoado crescia, a necessidade de sair também, e concebeu-se o projeto: ligar o Manoel João à BR, para dar acesso ao mundo. O primeiro traçado, pelo povoado do Florido, fracassou nos estudos de viabilidade — que ali dispensavam engenheiro: havia no caminho o córrego da Canarana, que no inverno enchia e engolia a passagem. Refez-se o projeto pelo povoado do Mata, e este deu certo: aproveitou-se o trecho que um morador de posses, Raimundo Dentadura — a Baixada e seus apelidos —, já abrira de Bacabalzinho ao Mata, e o povo do Manoel João desmatou a braço o que

faltava: mais de oito quilômetros de picada aberta a facão, foice e enxada, por lavradores descalços, no tempo que sobrava da roça.

Oito quilômetros a braço. O leitor urbano, que reclama do trânsito, medite: aquela gente não reclamou da estrada — fez a estrada. E quando, anos depois, os carros grandes e pequenos da profecia começaram a rodar sobre ela, e um dia rodou por ela a comitiva de uma governadora, não havia no Manoel João ninguém tão ingênuo que pensasse que o milagre fora só do profeta. O profeta anunciara o asfalto; o povo abrira o chão. No Manoel João, sempre foi assim a divisão do trabalho entre o céu e a enxada — e ninguém jamais achou que uma coisa desmentisse a outra.

Em 27 de junho de 1982, o método ganhou estatuto e ata: fundou-se a União de Moradores do Povoado Manoel João. No papel, era o que o Brasil chama de associação comunitária; na prática, era o mutirão de sempre trocando o aperto de mão pela assinatura — e Valentim, então com 64 anos, viveu para ver a obra coletiva virar pessoa jurídica, o que talvez seja a mais improvável de todas as transformações desta história. Foi, aliás, um ano e tanto no calendário do povoado: seis meses depois da ata, em dezembro, o bispo da profecia desceria de carro pela estrada do mutirão.

PARTE V — A HERANÇA
(1997-2004)

Capítulo 20 | OS ÚLTIMOS DIAS DO VALENTE

Valentim Oliveira Dutra nasceu num dia 14 e morreu num dia 14. Nasceu em 14 de fevereiro de 1918, com uma brasa de cachimbo queimando-lhe a garganta no primeiro suspiro; morreu em 14 de agosto de 2004, quando o tempo, oitenta e seis anos depois, cobrou o preço da fumaça. A doença final foi o enfisema pulmonar — a vida de Valentim começou com fumaça no quarto e uma queimadura, e terminou com os pulmões lutando pelo ar. Entre um combate e outro, viveu-se tudo o que este livro contou.

Foi uma luta longa, daquelas doenças duras que se arrastam. A última participação de Valentim nas celebrações que ele próprio fundara aconteceu em fevereiro de 1997 — o que significa que o velho profeta, já um tanto surdo e de vista curta, ainda estava de pé no ano em que a governadora entrou de carro no Manoel João, a bordo da sua profecia mais ridicularizada. Depois vieram os anos do declínio: as idas e vindas ao hospital de Arari, o fôlego encurtando, a comunidade acompanhando cada internação como se acompanha a estiagem — medindo, temendo, rezando.

Na última dessas viagens, o destino foi São Luís. Valentim insistiu muito para que o levassem — mas embarcou carregando uma convicção que fez questão de repetir a várias pessoas naqueles dias, e que era, a rigor, sua última exigência em vida: ele não podia morrer fora da sua comunidade. Queria partir no Manoel João e ser sepultado ao lado da capela — lugar onde no passado abatera o carão, no posto onde o compromisso de cuidado e proteção, dizia, continuaria mesmo depois dele. O homem que aos dezenove anos escolhera aquele chão contra o conselho de todos não ia, aos oitenta e seis, mudar de endereço por causa de um detalhe como a morte.

No hospital de São Luís, pouca melhora. O quadro estacionou — até a noite que a família conta até hoje, e que teve testemunhas: os médicos de plantão e uma jovem chamada Marta, que o acompanhava.

No meio da noite, Valentim foi chamado — não se sabe por quem, apenas uma voz. Assim conta o relato: ele olhou, sentiu que tocaram nele, e então viu e sentiu tudo fortemente tremer, todo o seu corpo — uma força ao redor. Quando o episódio terminou, o homem que estava debilitado, com o peito apertado, sentia-se completamente bem. Levantou-se da cama de hospital e começou a andar direito. Marta, assustada com a cena e com o barulho que ouvira, correu para segurá-lo — e recebeu do velho a ordem

que fecha, com precisão de eco, o círculo aberto quarenta anos antes numa madrugada de febre, quando ele anunciara a Vineca a visita de um anjo:

— Não me toque, porque eu fui curado neste momento. De jeito nenhum.

O biógrafo registra o episódio como o recebeu, com suas testemunhas nomeadas, e acrescenta apenas a observação que o próprio desenrolar dos fatos impõe: aquela não foi uma cura para viver. Foi uma cura para voltar. Porque o efeito prático da noite de São Luís foi um só — conseguiu-se uma ambulância, e Valentim tomou o rumo de casa.

A chegada ao Manoel João foi a última grande cena pública da sua vida, e a comunidade a guardou quadro a quadro. Havia uma multidão esperando. E Valentim, que viajara de ambulância, que passara semanas entre hospitais, ao ver aquela quantidade de gente ficou — a palavra é do relato — radiante. Falava de tudo, com uma alegria imensa. E em vez de ser carregado, como mandava o estado dele e o bom senso, foi andando à frente de todos, agradecendo a Deus por estar de volta ao seu lar. Guarde o leitor a imagem, porque ela é o testamento em movimento: o fundador entrando no povoado a pé, com o povo atrás — exatamente como entrara em 1937, com a diferença de que

na primeira vez o séquito era um cachorro, e agora eram todos.

O que veio em seguida foi o último mutirão. Diante do declínio final, os moradores do Manoel João se organizaram como sempre se organizaram para tudo — em turnos. Estabeleceram-se horários, escalas de presença, para que Valentim nunca ficasse só: as pessoas vinham passar a noite na casa dele, revezando-se, "muita gente, muita gente mesmo", diz o relato. O povoado que ele fundara sozinho, cercado de onças, devolvia-lhe a solidão com juros invertidos: o homem que passara anos sem ouvir voz humana morreu sem passar uma noite sem companhia.

E então, três dias antes do fim, a morte mandou seu aviso — pelo correio de sempre, através de um sonho. Antônia filha de Donato, sua sobrinha, sonhou que o tio estava deitado num caixão, na porta da casa dele. Ela se aproximou, olhou: parecia morto. Mas de repente Valentim abriu os olhos, moveu o corpo e falou:

— Olha, minha sobrinha, daqui a três dias eu estou morrendo, vou partir. E vou te mostrar o meu problema.

Ergueu a camisa e mostrou-lhe os pulmões, completamente pretos. Apontou:

— A minha morte vai ser por causa disso aqui.

Antônia acordou assustada. Exatamente três dias depois, em 14 de agosto de 2004, Valentim morreu — em

casa, como exigira, de enfisema pulmonar, como o sonho diagnosticara. O leitor faça as contas do dossiê onírico desta família: ele sonhou a vida inteira com o que ia encontrar — a caça, a terra, a estrada, o bispo, o governador — e, na hora de partir, foi pelo sonho de alguém dali que lhe foi mandado o último recado, com data marcada e laudo anexo. No Manoel João, nem a morte chegou sem avisar. Não teria coragem.

O fim foi como ele quis. Recebeu a extrema-unção do padre Josias. Denílson, o neto, colocou-lhe uma vela nas mãos; iniciou-se o terço da Divina Misericórdia. E enquanto o povoado rezava em volta da cama, a notícia — conta a memória coletiva, e este livro a transmite no registro em que ela vive — foi se espalhando por conta própria: pessoas em outros lugares sentiram um vento frio passar, dores antigas cessaram, houve quem sonhasse e quem simplesmente soubesse, sem que ninguém dissesse, que o Valente tinha partido. Um povoado inteiro fundado por avisos recebidos em sonho não ia ficar sabendo da morte do fundador por telefone.

O enterro foi o plebiscito final, e o resultado saiu por unanimidade. Vieram centenas de pessoas, de todos os lugares onde a vida de Valentim fincara raiz — o mapa do cortejo é o mapa deste livro: Anajatuba, Arari, Mata, Bamburral, Bacabalzinho, Enseada do Engenho, São Luís.

Vieram os amigos do poder que a profecia anunciara: o ex-prefeito de Arari, Leão Santos, amigo de longa data; o secretário de governo João Fernandes; vereadores e outras lideranças e autoridades. Houve missa antes do enterro, celebrada pelo padre Josias, e depois o cortejo saiu da capela rumo à sepultura — uma caminhada que, dizem os que a fizeram, parecia procissão de romaria grande, e era justo: o homem que levara o povo a pé por sete léguas de devoção ganhou de volta sua última légua acompanhado.

No trajeto, o cortejo passou diante da escola — e o detalhe fecha um círculo que este livro abriu na primeira parte, porque a escola do Manoel João leva o nome de Raimunda de Deus Dutra, a mãe de Valentim, a Dona Mundica que o pariu num 14 de fevereiro sob a fumaça do cachimbo da parteira. O fundador foi levado ao túmulo passando sob o nome da própria mãe, gravado no prédio que era, ele mesmo, a prova cumprida da profecia mais improvável — a de que ali um dia haveria doutores. Diante da escola, hasteou-se a bandeira da comunidade a meio-mastro e cantou-se o hino. Rezaram-se três ave-marias. E aconteceu, ao longo do caminho, aquilo que nenhum protocolo organizou: todos queriam carregar o caixão — e o caixão foi passando de mão em mão, alternando homens e mulheres, porque despedida, no Manoel João, também era mutirão, e ninguém trabalha para si.

Fazia um dia de sol forte. E consta que Valentim havia deixado um último pedido, coerente com o homem que fora: não queria tanto choro no seu velório. Foi o único pedido dele que a comunidade, em oitenta e seis anos de convivência, não conseguiu atender por completo.

Sepultaram-no onde ele mandou: ao lado da capela — que hoje, cumprindo o destino de tudo o que Valentim plantou, cresceu e é igreja. A missa de sétimo dia coroou a biografia com uma última rima que nem romancista arriscaria: quem a celebrou foi Dom Reinaldo, o bispo da diocese — o mesmo bispo cuja vinda ao Manoel João Valentim profetizara sob risadas, e que visitara o povoado pela primeira vez em dezembro de 1982, calando os céticos com vinte e dois anos de antecedência sobre este parágrafo. O bispo da profecia veio a primeira vez para confirmar o anúncio de um profeta; a última, em agosto de 2004, para rezar pela alma de quem o anunciou — e, no mesmo dia, celebrar crismas, porque Valentim não haveria de admitir que uma vinda do bispo servisse só para ele.

Vineca sobreviveu ao marido quatro anos. Morreu em 3 de dezembro de 2008, de parada cardíaca — também em casa, também no Manoel João, também sem abrir mão do endereço, enterrada ao lado de Valentim. A mulher que carregara os cachos de banana, as noites de febre e metade

invisível desta história partiu como viveu: sem dar trabalho e sem sair do posto.

Quanto à saudade deixada por Valentim, o Manoel João resolveu a questão novamente pelo calendário, como em todas as “coincidências” de datas até aqui. Todo dia 14 de agosto é feriado na comunidade, com missa — o povoado antes cheio de mato que ele fundou para a lavoura tem hoje, por causa dele, um feriado próprio, privilégio que nem toda cidade grande possui. E todo dia 14, de todos os meses, às dezoito horas, reza-se ao lado do seu túmulo. O homem que nasceu num dia 14 e morreu num dia 14 ganhou da sua gente o dia 14 inteiro, doze vezes por ano, para sempre. Conta-se ainda que a argila do túmulo testemunhou milagres — que daria um outro livro à parte — atesta que, no Manoel João, até o barro continua trabalhando. Aprendeu com o dono.

Capítulo 21 | A SUCESSÃO

Nenhum fundador funda duas vezes. A prova definitiva de uma obra não é o que ela é enquanto o fundador vive — é o que ela consegue continuar sendo depois. E Valentim, que previa estradas e governadores, cuidou da única previsão que dependia inteiramente dele: preparou a sucessão. Com décadas de antecedência e dentro da própria casa.

A escolhida foi a primogênita. Maria da Conceição Dutra, nascida em 1949, começou a ajudar o pai no serviço religioso aos dez anos de idade — a data bate, e não por acaso, com a virada de 1960: quando Valentim subiu no tamborete, a menina já estava no auditório; quando os livros de Portugal chegaram, ela cresceu ouvindo Bizico ler e o pai interpretar.

O aprendizado dela foi, portanto, o mesmo do pai: pelo ouvido. A diferença é que Conceição sabia ler — e essa pequena vantagem geracional mudava tudo, porque a menina que dependia das leituras de Bizico podia, um dia, não precisar somente ouvir. Em duas gerações, o Manoel João passava do analfabetismo absoluto a uma liderança alfabetizada — graças à visão de Valentim pela educação das crianças, naquela comunidade.

Conceição foi formada no método da casa, domingo a domingo, romaria a romaria, e a família registra sem rodeio o

que aquilo era: um estágio de sucessão. Futuramente iria assumir totalmente a liderança religiosa de Manoel João — e assumiu. Casou-se com Osvaldo Nonato Marinho, de Anajatuba; não tiveram filhos; o povoado, pode-se dizer, ocupou a vaga — e ocupou-a por inteiro: a filha do homem que não podia morrer fora da sua comunidade também não quis viver fora dela.

Registre-se o que isso significa, porque em 1960, no interior do Maranhão, não era pouco: o profeta escolheu uma mulher. Num mundo onde mulher não votava em sindicato, não presidia nada e carregava cacho de banana na cabeça, o líder máximo do Manoel João apontou a filha — não um filho, não um genro, não um compadre — para herdar a única coisa que ele tinha de valor: o povo. Valentim nunca teorizou sobre o assunto, que se saiba. Fez, como fazia tudo, sem discurso. As décadas seguintes, em que Conceição conduziu a vida religiosa do povoado, encarregaram-se de mostrar que o velho caçador, mais uma vez, acertara a pontaria. E quando a própria Conceição partiu, a missão não ficou órfã: passou às mãos de Sônia, a irmã, junto ao grupo de oração que Conceição formara — no Manoel João, até a sucessão tem sucessora, porque as boas estradas, ali, nunca terminam onde termina quem as abriu.

Os outros filhos seguiram os caminhos que o Brasil daqueles anos oferecia aos filhos de lavradores — e o mapa

dos destinos deles é um retrato do país. Raimundo de Ribamar e José Francisco foram tentar a vida no lugar para onde convergia, então, toda a esperança bruta do Norte: Serra Pelada, o formigueiro de ouro e lama do Pará. Trabalharam lá um tempo. José Francisco voltou, casou-se com Maria do Nascimento, de Anajatuba, e fincou raiz; dos cinco filhos do casal, uma menina morreu antes do primeiro ano — a velha estatística da Baixada ainda cobrando sua taxa —, e ficaram Ronilda, Adeilson, Denilson e Luis Felipe.

Raimundo teve o destino mais acidentado — e, para a família de um catequista católico, o mais delicado: em Serra Pelada, converteu-se evangélico. Voltou ao Manoel João e não se achou; a crônica da família anota, com uma franqueza que honra quem a escreveu, que ele não estava se sentindo bem por ter mudado de religião, numa casa e num povoado inteiramente católicos. Foi trabalhar em São Luís, depois mudou-se para Macapá, casou-se com Aline Cristina, teve uma filha, Lídia. Não a viu crescer: morreu quando a menina tinha dois meses. Sobre o que Valentim sentiu com a conversão do filho, as fontes silenciam — e o silêncio foi respeitado, limitando-nos a pontuar que o homem que dava tudo de graça nunca constou ter cobrado a fé de ninguém.

Sônia Maria casou-se com João de Jesus Bogéa — João Pereira, do povoado Coco — e teve sete filhos, dos quais

perdeu uma menina, Cleoneide, com cinco meses. Vingaram Clerison, Cleomar, Cleyton, Cleonilson, Cledeilson e, por fim, Cleidilene do Rosário Dutra Bogéa. Guarde o leitor este último nome. Ele voltará na última página deste livro, e com a caneta na mão.

Capítulo 22 | O POVOADO QUE ELE SONHOU

O Manoel João de hoje pode ser visitado de carro — convém começar por aí, porque nenhuma frase deste livro teria feito Valentim se alegrar tanto.

Chega-se pela estrada que o mutirão abriu e o poder público, décadas depois, consolidou. No caminho, os povoados que Valentim percorria a pé com sua gente: o Mata, o Bacabalzinho. O Boqueirão, como anunciado do alto de um tamborete, não existe mais — é uma fazenda. O campo de futebol aberto pelos meninos de 1960 segue em atividade, com a grama rala e a soberania intactas.

O povoado tem escola, tem energia, tem os "doutores" da profecia — saídos das famílias que um dia trabalharam descalças — e tem, registrada em cartório com CNPJ e tudo, a instituição que resume o encontro do mundo de Valentim com o mundo do papel. Ela nasceu em 1982 como União de Moradores do Povoado Manoel João. Em 13 de junho de 2007 — dia de Santo Antônio, devoção da casa onde Valentim se criou —, três anos depois da morte do fundador, a comunidade reuniu-se e decidiu rebatizá-la: **Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Valentim Oliveira Dutra da Comunidade Manoel João**. O homem que não sabia assinar o nome virou razão social — por decisão unânime de quem o viu trabalhar. Por essa porta jurídica — a associação — passam hoje as políticas públicas que os netos dos fundadores acessam: crédito rural, fomento,

documentação da terra. O Estado brasileiro, que demorou décadas para descobrir o caminho do Manoel João, quando chegou encontrou o anfitrião já homenageado na placa.

A vida religiosa que ele fundou num salão de casa continuou pela mão de Conceição e do povo — as rezas, os festejos, a romaria de outubro, a festa da bíblia, a festa do peixe. O Vaticano não o conhece, ainda, mas o Manoel João jamais precisou dessa formalidade para vê-lo como realmente é. E a memória de Valentim assumiu no povoado a função póstuma de um intercessor permanente da fé, ensinado às crianças, chamado nas dificuldades, conferido nas profecias para toda a eternidade.

Resta a pergunta que toda biografia deve ao leitor na última curva: *afinal, quem foi Valentim Oliveira Dutra?* O inventário material a gente já fez, e coube num bolso: uma roça, uma espingarda e uma bíblia que jamais precisou ser lida para ser vivida. O inventário imaterial é que não cabe no livro: um povoado com nome de outro homem, uma estrada de oito quilômetros abertos a braço alheio por convicção contagiada, algumas centenas de descendentes e devotos, e um método — sonhar primeiro, encontrar depois, repartir sempre pela fé.

Ele dizia que a riqueza dele era a graça de Deus. E da garganta queimada, uma mensagem falada agora eternizada nestes pedaços de papel. Salve, salve, valente, Valentim!

Epílogo | O ÚLTIMO MUTIRÃO

Em 9 de julho de 2013, uma neta de Valentim sentou-se para escrever.

Cleidilene do Rosário Dutra Bogéa — filha de Sônia, a caçula da leva dos Bogéa — fez o que o avô teria reconhecido na hora como um trabalho de mutirão: foi de memória em memória como quem vai de casa em casa, recolhendo dos tios, dos velhos, dos que ainda lembravam, os relatos que este livro transformou em capítulos. A brasa do cachimbo, o carão da cararaubeira, o anjo da madrugada, a comida que se multiplicava nos plásticos — tudo o que o leitor leu estava lá, na escrita dela, urgente e generosa, correndo contra o relógio que apaga as testemunhas.

Anos depois, um sobrinho-neto de Valentim, o escritor Raphael Coutinho Santos, tomou esse material e assumiu o turno seguinte da obra — dar-lhe arquitetura, apurar as datas, separar o documentado do lembrado, lavrar em forma de livro. É o mesmo gesto de sempre, o gesto-assinatura do Manoel João: um começa a estrada, o outro avança a picada, e ninguém trabalha para si.

Valentim, que não leu livro nenhum, teria ouvido este com atenção — e é fácil imaginar a cena, porque ela já aconteceu mil vezes: alguém lendo em voz alta, tropeçando aqui e ali, e o velho ouvindo tudo com aquela atenção total,

para depois explicar ao povo, melhor do que o autor, o que o livro quis dizer.

Ele encontraria, com certeza, o resumo que estas dezenas de páginas não acharam. Provavelmente numa frase só. Provavelmente de cima de um tamborete.

CRONOLOGIA

Ano	Evento
Fins do séc. XIX	Agda foge grávida de Fortaleza; acolhida no Maranhão pelo fazendeiro Bernardo Dutra
—	Nasce Pedro Oliveira Dutra; casa-se com Raimunda de Deus Dutra ("Dona Mundica"); o casal fixa-se em Areal, Anajatuba; nascem 13 filhos
14/02/1918	Nasce Valentim Oliveira Dutra, em Areal de Anajatuba; o acidente da brasa no parto
31/05/1923	Nasce Venerável Antonia Mendes, a Vineca, em Anajatuba
~1926	Valentim começa a caçar, aos 8 anos
~1930	A visão sob o ariticuzeiro, aos 12 anos
~1933	O episódio do poço, aos 15 anos
~1935	Morre Severo Mendes; Vineca, 12 anos, começa a trabalhar por diária
1936	Primeiro convite de Jacinta; os pais vetam a viagem
Fev/1937	Viagem a pé com Bizico, no carnaval; o carão; a decisão de mudar-se

Ano	Evento
1937	Mudança definitiva; choupana sob o tamborim; Zeca e Maquiné; depois Cici e Donato (malária); Valentim batiza o lugar: Manoel João
1948	Casamento de Valentim e Vineca
1949	Nasce Maria da Conceição, a primogênita e futura sucessora
~1955	Dona Mundica e os irmãos mudam-se para o Manoel João (Seu Pedro já falecido)
1958	A grande doença; Tonico Santos; curandeiros; a lancha Santa Rita; recuperação em Anajatuba
~1959	Conceição, aos 10 anos, começa a auxiliar o pai
Jul/1960	O povoado tem 12 famílias; o discurso do tamborete sobre Santa Terezinha, aos 42 anos
1960	Padre Clodomir Brandt Silva entrega os livros de Portugal; início da catequese com Bizico leitor
1961	Encontro no Areal; Zé Borges; na sequência, o padre Chiquinho consagra

Ano	Evento
	Valentim: "Valente de religião", "caçador de almas"
Anos 1960–70	Missões pelos povoados; curas; profecia do campo de futebol; mutirões; casas construídas num dia
Anos 1970–80	Abertura a braço da estrada (Manoel João–Bacabalzinho, 8+ km, via Mata); filhos em Serra Pelada
27/06/1982	Fundada a União de Moradores do Povoado Manoel João
Dez/1982	Primeira visita do bispo Dom Reinaldo ao Manoel João — a profecia do bispo, cumprida
1989	Chegada da eletricidade no Manoel João, prometida em visita anterior do deputado federal Sarney Filho
Fev/1997	Última participação de Valentim nas celebrações da comunidade
1997	Visita da governadora Roseana Sarney
14/08/2004	Falecimento de Valentim, aos 86 anos, em casa; sepultamento ao lado da capela;

Ano	Evento
	missa de sétimo dia celebrada por Dom Reinaldo, com crisma
13/06/2007	A União de Moradores é rebatizada: Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Valentim Oliveira Dutra da Comunidade Manoel João
03/12/2008	Falecimento de Vineca, de parada cardíaca, em casa, no Manoel João
09/07/2013	Cleidilene R. D. Bogéa conclui a primeira compilação dos relatos da família
27/03/2026	O secretário de estado Tiago Fernandes pousa de helicóptero no campo de futebol do Manoel João.
23/07/2026	Raphael Coutinho Santos conclui a biografia de Valentim.

GENEALOGIA

Tronco: Agda (Fortaleza-CE) → Pedro Oliveira Dutra (sobrenome do fazendeiro Bernardo Dutra) ⚭ Raimunda de Deus Dutra (filha de Agnela e Ludugero Lima, do Teso, Anajatuba)

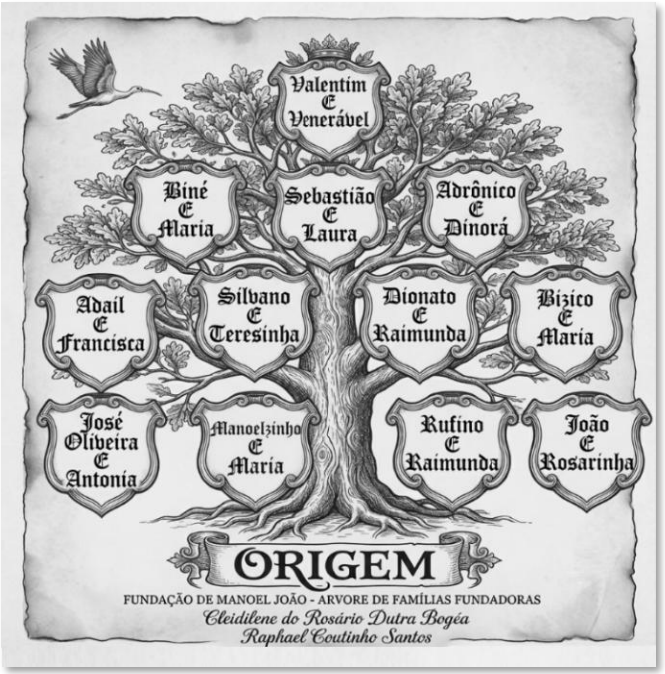
Os 13 filhos de Pedro e Mundica: João Conrado • VALENTIM • Manoel • Maria do Rosário • Pedro Filho • José (Zeca Oliveira) • Dionato (Donato) • Silvano (Cici) • Francisca de Jesus • Antonia do Espírito Santo (Totó) • Raimunda (Dica) • Rufino (Lulu Oliveira) • Benedito Anastácio (†2014)

Valentim ⚭ Vineca — casados em 1948; ele †14/08/2004, ela †03/12/2008 — filhos: Maria da Conceição (1949, ⚭ Osvaldo Nonato Marinho, s/ filhos, sucessora religiosa) • Sônia Maria (⚭ João de Jesus Bogéa "João Pereira": Clerison, Cleomar, Cleyton (†2025), Cleonilson, Cledeilson, Cleoneide †5m, Cleidilene) • Maria da Glória (†2 meses) • Raimundo de Ribamar (⚭ Aline Cristina, Macapá: Lídia) • José Francisco (⚭ Maria do Nascimento: Ronilda, Adeilson, Denilson, Luis Felipe, uma filha †<1 ano) • Sebastiana da Paz (†2 anos) • Saulo Roberto (adotado aos 5 meses)

Família Mendes (de Vineca): Severo Maximiano Mendes ⚭ Josefa Rosa Lima — filhos: Vineca (primogênita) • Jacinta (⚭

Antonio Grande) • Bizico (Virgílio Paulo Mendes, o leitor do povoado) • outras irmãs • José de Ribamar (Zé Mendes, caçula)

Famílias fundadoras (casais): Valentim e Venerável, Biné e Maria, Sebastião e Laura, Adrônico e Dinorá, Adail e Francisca, Silvano e Teresinha, Dionato e Raimunda, Bizico e Maria, José Oliveira e Antonia, Manoelzinho e Maria, Rufino e Raimunda, João e Rosarinha.



AUTORES

Este livro tem por fonte primária o conjunto de relatos orais da família Dutra e da comunidade do Manoel João, compilados por escrito por Cleidilene do Rosário Dutra Bogéa a partir de 9 de julho de 2013. Neta de Valentim e pedagoga com pós-graduação em Língua Portuguesa, História e Psicopedagogia, ela reúne as duas credenciais que esta obra exigia de quem primeiro a escrevesse: o sangue que dá acesso à memória e o método que a organiza. É, ainda, uma das "doutoras" que o avô analfabeto profetizou — de modo que a fonte primária deste livro é, ela própria, uma profecia cumprida.

A reescrita literária foi iniciada por Raphael Coutinho Santos, servidor público federal e escritor, após sua entrada na Academia Arariense de Letras, Artes e Ciências (ALAC), em 2022 — ocupando a cadeira nº 19, que pertencera antes dele a Benedito Anastácio Martins Dutra (falecido em 3 de agosto de 2014), irmão caçula de Valentim. A coincidência não passou despercebida a quem a herdou: a cadeira do tio-avô serviu de mesa para escrever a vida do outro tio-avô, e a Academia que um dia acolheu um Dutra tornou-se o lugar de onde a história de toda a família seria contada.

— C.R.D.B. & R.C.S.

GLOSSÁRIO

Abano — leque de palha para atiçar o fogo do fogareiro.

Ariticum/ariticuzeiro — fruto e árvore nativos, de polpa doce; sob um deles Valentim teve a visão. Barriga d'água — nome popular da esquistossomose.

Carão — ave palustre dos campos alagados, de canto estridente; a caça que revelou o Manoel João.

Cofo — cesto de palha trançada para carregar arroz, milho, farinha. Fazer quarto — velar em vida: passar a noite na casa de um doente grave. Facho de tona — archote feito da casca (tona) de palmeira.

Ganzola — brincadeira infantil de competição.

Jurará — cágado dos campos da Baixada.

Meançaba — tramela de palha/madeira para fechar portas.

Mururu — planta aquática que forma moitas flutuantes.

Pataca / vintém — moedas antigas; a pataca valia 320 réis.

Quebradeira — mulher que quebra o coco babaçu para extrair a amêndoa.

Tapagem — barragem artesanal de pesca, erguida com estacas, talos e palha atravessados no leito de rios e igarapés da Baixada para represar o cardume e permitir a captura; técnica tradicional de pesca coletiva, regida por regras comunitárias como a de só pescar após a desova.

Teso — terreno elevado que não alaga no inverno da Baixada; também topônimo em Anajatuba.

Topper — marca de tecido/calça popular, o "jeans" da roça.

Visagem — assombração, aparição.

SÍMBOLOS OFICIAIS

Bandeira e Hino da Comunidade Manoel João

1- Manoel João é a glória deste povo/

Porque tem pessoas pra lutar

A liderança desta comunidade/

Foi enviada por deus a este lugar,

Valentim é o seu nome verdadeiro

Valente e forte como um guerreiro (bis)

Esta terra mil vezes querida/

De um povo humildemente solidário/

Um lugar de muitos agricultores plantando sementes

Colhendo amores.

Manoel João, Manoel João, significa deus conosco/

Manoel João, Manoel João felizes das pessoas que cuidam

Do teu povo.

2- Contemplamos teus campos amores /

Fonte eterna que o solo gerou/

Este povo guerreiro e unido o título querido a pátria ganhou/

Ó mãe terra amada e querida

Manoel joão símbolo de muita garrida, (bis)

Céu celeste de grande valor/

O sol aparece com muito fulgor/

Brilharas na imensidão

Nossa padroeira proteja o torrão.

Manoel joão, manoel joão, significa deus conosco/

Manoel joão, manoel joão felizes das pessoas que cuidam

Do teu povo.

Letra e música: Jorge do Espírito Santo Mendes e Ivonete dos Santos Dutra

FOTOGRAFIAS

Figura 1- Valentim e Venerável (Vineca)

Figura 2- Valentim e Conceição (Filha)

FOTOGRAFIAS

Figura 3 - Time Masculino de Futebol do Manoel João (~1990)

Figura 4 – Campo de Futebol do Manoel João (2026)

FOTOGRAFIAS

Figura 5 - Governadora Roseana Sarney no Manoel João (1997)

Figura 6 – Secretário de Estado Tiago Fernandes no Manoel João (2026)

FOTOGRAFIAS

Figura 7 – Primeira Festa da Bíblia do Manoel João (1994)

Figura 8 – Padre Clodomir Brandt Silva (1917-2017)

FOTOGRAFIAS

Figura 9 - Igreja Nossa Senhora de Fátima - Manoel João

Figura 10 - Túmulos de Valentim e Venerável (ao lado da igreja)

FONTES

Para que o leitor — e sobretudo o pesquisador — possa medir o grau de certeza de cada afirmação desta obra, declaram-se abaixo como verificáveis:

- Data de fundação da União de Moradores do Povoado Manoel João: 27 de junho de 1982 (ata de fundação).
- Alteração da denominação para Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Valentim Oliveira Dutra da Comunidade Manoel João: reunião de 13 de junho de 2007 (ata); registro ativo no cadastro nacional de pessoas jurídicas.
- Primeira visita episcopal de Dom Reinaldo ao Manoel João: dezembro de 1982.
- Visita da governadora Roseana Sarney ao povoado: 1997.
- Visita do deputado federal Sarney Filho, com promessa de eletrificação: 1989; chegada da energia elétrica ao povoado em seguida.
- Falecimento de Valentim Oliveira Dutra: 14 de agosto de 2004, aos 86 anos.
- Falecimento de Venerável Antonia Mendes (Vineca): 3 de dezembro de 2008.
- Existência e denominação da escola do povoado, que leva o nome de Raimunda de Deus Dutra.
- Pouso de helicóptero com a presença do secretário de saúde do Estado do Maranhão, Thiago Fernandes: 27 de junho de 2026.

Sustenta-se exclusivamente na memória oral, sem confirmação documental, tudo o que antecede o registro civil desta família e boa parte do que constitui o núcleo espiritual desta história. Os fatos profetizados são documentáveis; as profecias, não. O leitor tem diante de si um conjunto de acontecimentos verificáveis — a estrada, a energia, as visitas, a escola — e um conjunto de anúncios que os precederam, conhecidos somente pelo testemunho da comunidade que os escutou e os guardou. Esta obra não arbitra a relação entre as duas séries. Registra as duas, e a cada leitor cabe o seu juízo.

Localização geográfica: F8V3+89 Arari, Maranhão